A Grande Guerra marca, de forma indelével, o séc. XX, sendo um dos conflitos mais estudados e assunto de centenas de obras e trabalhos académicos.

Se já muito se sabe sobre a vida dos soldados, a música, os músicos e os instrumentos presentes nos teatros da I Guerra Mundial, pouca atenção fora dada ainda às orquestras de plectro, aos grupos de cordofones que aí se formaram espontaneamente.

A Tuna/*Estudiantina* veio para as trincheiras, na bagagem de tantos milhares de soldados que a reencenaram e reinterpretaram, mesclando experiências, tantas quantas as proveniências geográficas dos alistados.

90000>
9 789898 983022

A Tuna nas trincheiras da Grande Guerra (1914-1918)

*Jean-Pierre Silva*

# A Tuna nas Trincheiras da Grande Guerra (1914-1918)

CoSaGaPe
2020

*Jean-Pierre Silva*

# A Tuna nas trincheiras da Grande Guerra (1914-1918)

CoSaGaPe
2020

Título: A Tuna nas trincheiras da Grande Guerra (1914-1918).

Autor: Jean-Pierre Silva.

Capa: Jean-Pierre Silva.

Revisão: Eduardo Cadilhe Coelho

Edição: CoSaGaPe.

Impressão: Euedito (para compra de um exemplar em papel)



Designação da presente edição: *A Tuna nas trincheiras da Grande Guerra (1914-1918)*.
1.ª Edição. Lisboa, Outubro de 2020.

Depósito legal: 475531/20

ISBN: 978-989-8983-02-2

# Índice

Introdução .......................................................4

Síntese contextual ..............................................8

Portugal na Guerra .............................................16

*Estudiantinas*/Tunas no dealbar do conflito ........27

A Vida nas Trincheiras ........................................37

Música nas Trincheiras .......................................48

Tunas/*Estudiantinas* nas Trincheiras...................61

A Manufactura de Instrumentos ..........................81

Os Campos de Prisioneiros .................................97

A Vida nos Campos de Prisioneiros ...................111

Prisioneiros Portugueses ..................................122

Tunas/*Estudiantinas* nos Campos ......................127

Conclusão.........................................................145

Bibliografia.......................................................147

Outras fontes consultadas e siglas.................... 150

# Introdução.

Quando, há pouco mais de uma década (durante os trabalhos de investigação para a obra *Qvid Tvnae*), se descobriu uma imagem de uma tuna de alfaiates no CEP (Corpo Expedicionário Português), envolvida na I Guerra Mundial, longe estaria de pensar que a realidade deste tipo de grupos, nesse contexto, fosse mais expressiva. Ao que tudo indicava, era uma excepção e um feliz acaso.

Quando, anos mais tarde - já durante as investigações para a obra *A França das Estudiantinas*, se encontrou nova evidência de um grupo num campo de prisioneiros, soaram campainhas.
Já não se tratava de um caso isolado, mas de novo dado que abria, mesmo que remotamente, a possibilidade de, afinal, poderem ter existido mais grupos desse género nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial.

À parte esses dois clichés, foi sobretudo um bilhete postal, enviado por um soldado preso num campo alemão, que despolotou a investigação mais profunda, já que, nele, o remetente escrevia que a foto do postal era da

*estudiantina* que existia quando dera entrada nesse campo.
Assim, era preciso "tirar a limpo" se essas evidências eram apenas fugazes coincidências ou se, ao invés, constituíam exemplos de algo mais vasto, de um fenómeno que também "vestiu farda e combateu" nas tricheiras da Grande Guerra.

O tempo de confinamento, motivado pela pandemia de Covid-19, propiciou algum espaço para ir pesquisando e recolhendo materiais e, deste modo, ir construindo, aos poucos, o conteúdo documental aqui apresentado.

Não foi preciso muito para começarem a surgir evidências e documentos (sobretudo iconográficos) da presença de grupos, pertencentes à tipologia das orquestras de plectro, nos teatros da grande guerra (fosse na frente ou nos campos de prisioneiros), e que, como sabemos[1], formam, à época, a categoria musical das Tunas/*Estudiantinas*[2].

---

[1] Vd. SILVA, Jean-Pierre - **A França das Estudiantinas, Francofonia de um fenómeno nos séc. XIX e XX**. CoSaGape, 2019, pp. 29-71.

[2] A catalogação dos grupos detectados, e cujas imagens apresentamos, obedece ao entendimento/conceito de Tuna/*Estudiantina* que existia então.

Esta obra, uma vez mais, aposta muito na imagem, que são as formas documentais mais ricas e ilustrativas do fenómeno, dado que, no contexto em causa, não ficaram evidências escritas de expressões que se viveram num grande informalismo (como seria de esperar, dadas as particulares circunstâncias em que se desenvolveu).

Várias das imagens apresentadas e das respeitantes aos grupos são reproduções fac-similadas de fotos e bilhetes postais obtidos em sites de venda ou leilões online, cuja atribuição de fonte se torna tecnicamente complicada, pelo que se optou por não se colocar.

Fica este contributo para complementar o retrato histórico das Tunas/*Estudiantinas* num dos períodos mais negros da história recente da humanidade.

A redacção é feita com a ortografia anterior ao *AO90*, dado o desacordo confesso do autor com tal "acordo".

Finalmente, uma palavra de fraterno apreço aos amigos, companheiros de sempre destas

lides, Eduardo Coelho[3], Ricardo Tavares e João Paulo Sousa (pioneiros e referência cimeira da investigação tuneril em Portugal), bem como aos tunólogos, e amigos, Rafael Asencio González, Héctor Valle Marcelino, José Carlos Belmonte Trujillo, José Mateo Ycardo (Espanha) e Ramón Andreu Ricart (Chile).

*Jean-Pierre Silva* **(Setembro de 2020)**

[3] A quem, penhoradamente, agradeço a revisão.

# Síntese contextual.

A I Guerra Mundial, também conhecida por *A Grande Guerra* (entre outras designações) foi, como sabemos, um dos mais mortíferos conflitos da história da humanidade e que, até certo ponto, serviu de antecâmara para a 2.ª guerra mundial que, duas décadas depois, elevaria o horror bélico até patamares nunca antes vistos.

A Grande Guerra ceifou qualquer coisa como 9 milhões de soldados e quase 7 milhões de vidas civis; cifrou-se em 20 milhões de feridos e 7 milhões de soldados capturados, mudando, para sempre, a face dos conflitos bélicos modernos que a era da industrialização abrira.

São várias as razões geopolíticas que concorrem ao despoletar do conflito, sobretudo a natureza da complexa rede de alianças entre potências europeias, motivadas pela desconfiança, o militarismo e os interesses coloniais (especialmente a Alemanha, que quer

expandir-se em África[4] e médio Oriente, e o Império Austro-Húngaro, que tem pretensões sobre a Sérvia[5]).

Com efeito, diversas potências europeias são, também, centro de governo de vastos impérios coloniais, pelo que a salvaguarda e expansão desses impérios originava interesses nem sempre conciliáveis.

Inglaterra e França, por exemplo, detinham vastas possessões ultramarinas, a par com outros países também eles com presença colonial (Bélgica, Portugal, Alemanha...) e, também por isso, de forma a protegerem os seus interesses, surgiram duas grandes alianças: a "Triple Aliance" (Alemanha, Império Austro-Húngaro, Bulgária, Itália e Império Otomano), em 1882, e a "Triple Entente" (França, Grã-Bretanha e Rússia), em 1904. Grosso modo, uma primeira versão de

---

[44] A Conferênca de Berlim (1884-85) define a divisão do continente africano em nome do "livre comércio e dos direitos da civilização" formatando o imperialismo europeu.

[5] Recordemos que, depois da guerra russo-turca de 1877-78, o Congresso de Berlim marcou o refluxo otomano nos Balcãs: os turcos só conservaram a Albânia, Macedónia e parte da Trácia, tendo de aceitar a independência da Sérvia, Montenegro e Roménia (bem como a autonomia da Bulgária e a administração da Bósnia-Herzegovina pela Áustria-Hungria).

"Aliados" em oposição ao eixo das chamadas "Potências Centrais". A Itália, por sua vez, embora inicialmente do lado das potências centrais, cedo abandonou essa aliança, preferindo ficar neutra - mas acabando por se colocar ao lado dos Aliados, em 1915[6].

Não pretendemos aqui tratar em profundidade a I Guerra Mundial (nem é sequer o cerne deste trabalho), pelo que, sucintamente, recordar que o conflito tem como rastilho o assassinato, por parte de um nacionalista sérvio[7], do arquiduque Franz-Ferdinand, herdeiro do trono Austro-Húngaro, em Julho de 1914 - enquanto visitava Sarajevo.

O atentado é a gota de água para as tensões cujos focos de instabilidade na Alsácia e Lorena (revanchismo francês face à derrota de 1870 e perda desses territórios para a Alemanha), em Trieste e Fiume; na Polónia e nos Balcãs, resultantes quer do pan-germanismo (com o culto da supremacia da raça germânica e necessidade de expansão

---

[6] Face às promessas territoriais que recebeu - já que almejava Trento e o porto de Trieste.

[7] Integrado num movimento que reclamava a independência dos estados eslavos do sul, em relação ao império Austro-Húngaro.

territorial, nomeadamente em África), do pan-eslavismo (nações balcânicas que desejam tornar-se independentes dos impérios opressores: Áustria-Hungria e Império Otomano), e do ressentimento turco (que deseja, por um lado, recuperar os teritórios perdidos nos Balcãs e, por outro, fazer frente às ambições russas no Cáucaso, bem como contrariar as aspirações inglesas sobre a Mesoptâmia), entre outras.

A par de todas estas razões, também a concorrência económica, opondo sobretudo ingleses e alemães, onde a necessidades de novos mercados de abastecimento e expansão concorrem aos desmoronar do frágil equilíbrio geo-político europeu.

Porque são os Balcãs o rastilho, relembrar que há precedentes históricos que concorrem para tal[8].
Com efeito, já em 1908 a Bulgária tinha declarado independência face à Turquia. Depois, em 1912, aproveitando o conflito que opunha Itália e Turquia (por causa de Rodes e

[8] Para o efeito, seguiremos os dados recolhidos em *National Geographic*, Edição Especial, n.º 6 - **As Guerras Mundiais, 1900-1945: as raízes do mundo actual**. RBA, 2016, pp.32-33;

ilhas do Dodecaneso[9]), Sérvia, Bulgária, Grécia e Montenegro declaram guerra aos otomanos, originando a *Primeira Guerra Balcânica* (1912-1913), levando à derrota e retirada dos otomanos dos Balcãs e à criação da Albânia[10]. Em 1913, estala a *Segunda Guerra Balcânica*, desencadeada pela Bulgária e com "apoio" austro-húngaro. Mas a Bulgária foi derrotada (nas suas intenções de expansão) pela Sérvia, Montenegro, Roménia, Grécia e pelos próprios turcos.

A Sérvia foi a nação que mais proveito tirou desse confronto, duplicando o seu território e população e, assim, tornando-se uma potência regional que ameaçava, com o seu pan-eslavismo, o império Austro-Húngaro (receoso de ver crescerem movimentos independentistas, como sucedera nos antigos teritório otomanos).
Percebe-se, assim, o desejo do império Austro-Húngaro de cercear o poderio sérvio e, se possível, anexar o território para, preventivamente, impossibilitar qualquer

---

[9] Nesse conflito, os turcos perdem também possessões no norte de África.

[10] Promovida pela Itália (que, assim, pretendia controlar o litoral adriático) e pela Áustria-Hungria (que, deste modo, evitava que a Sérvia tivesse acesso a via marítima).

cesseção eslava que pudesse desmembrar a coesão geográfica do seu império.

Face à declaração de guerra da Áustria-Hungria à Sérvia[11], a Alemanha vê-se na "obrigação"[12] de se colocar ao lado desse aliado e, por outro lado, a Rússia - que se tinha comprometido em defender a Sérvia, acaba, indiretamente, por envolver França e Inglaterra (que são suas aliadas).
O continente entrava em guerra e, na sua esteira, todas as regiões onde os países beligerantes detinham possessões e/ou alianças (África, América, Ásia, Médio Oriente e Austrália).

Um conflito que viu emergir novas formas de matança e avanços militares (utilização da metralhadora, gás venenoso, aviação, tanques...) e horrorizou o mundo pela quantidade de vidas ceifadas.

Com a entrada dos E.U.A. no conflito, o fiel da balança pesou para o lado dos Aliados e a guerra foi oficialmente terminada a 11 de

---

[11] Território cobiçado pelo império Austro-Húngaro.
[12] Na verdade, a Alemanha acalentava tal desfecho, mas não tão cedo, tendo sido surpreendida pela aliada na decisão de declarar guerra.

Novembro de 1918 (às 11horas e 11 minutos, nesta caricata capicua).

A juntar-se aos que tombaram no conflito (muitos milhares morreriam pouco depois, devido aos efeitos do evenenamento por gás ou mesmo de ferrimentos[13]), juntaram-se dezenas de milhões de vítimas, devido à pandemia de "Gripe Espanhola"[14] que devastou um terço da população mundial, nas três vagas que deram a volta ao globo, nos anos de 1918-19[15].

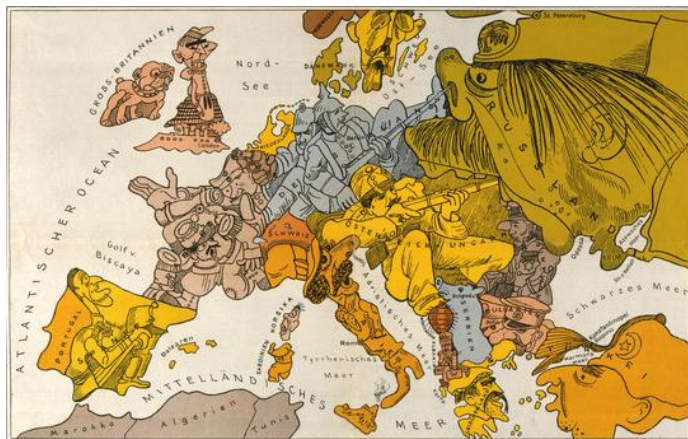
A Europa saía muito fragilizada e devastada, com muitas regiões e suas localidades reduzidas a ruínas, com milhares de soldados mutilados e/ou afectados psicológicamente, incontáveis orfãos e, não menos importante, com o espectro da fome a tomar contornos pandémicos.

---

[13] Nomeadamente infecções, já que os antibióticos ainda não existiam.

[14] Assim denominada, pois foram os jornais espanhóis (Espanha era país neutro) que puderam primeiro dar eco dessa pandemia, já que, nos países em conflito, a censura abafou o caso, para não afectar o moral da população e das tropas. Em Portugal a doença ficaria também conhecida por "Pneumónica".

[15] O ano de 1920 ainda regista vários milhares pelo mundo.

O tempo era de reconstrução e os anos subsequentes trouxeram uma nova forma de olhar e valorizar a vida e a paz, dando início a uma época que ficaria conhecida pelos "loucos anos 20", num "carpe diem" de toda uma geração que, finalmente, se via livre do espectro da guerra, apesar de muitas feridas mal saradas acabarem por transformar as duas décadas de paz que se seguiram num mero interlúdio para um conflito mundial que ultrapassaria, de longe, os índices de crueldade, destruição e morticínio da guerra de 1914-18.

A Grande Guerra na Europa, em 1914.

# Portugal na Guerra.

No que respeita à participação portuguesa na Grande Guerra, o CEP (Corpo Epedicionário Português) é a imagem mais marcante do esforço feito. Apesar de já em 1914 terem seguido expedições para África (com alguns confrontos com forças alemãs, mesmo antes da declaração oficial de guerra) é essencialmente em 1916 que ganha forma efectiva a participação no conflito europeu[16], com o aprontamento de uma primeira divisão que inicia os treinos na região de Tancos.

Mas se o esforço em África foi claramente uma resposta à sobrevivência da soberania portuguesa nesses territórios coloniais, já a participação no cenário da Frente Ocidental é uma opção exclusivamente política[17]; uma opção que não agrada a muitos oficiais portugueses (que reconhecem as fragilidades

---

[16] Embora já em 1914, uma delegação portuguesa (composta pelos capitães Iven Ferraz, Fernando Freiria e Eduardo Martins) se tivesse deslocado a Inglaterra para estudar a formação de uma força expeidiconária e, em 1915, se tivesse decidido a concentração de uma divisão de instrução no polígono de Tanco, não teve efectiva tradução prática.

[17] Servindo de afirmação do jovem regime republicano e, também, na defesa dos interesses coloniais face quer à Alemanha quer, também, à Inglaterra (pois, ao tornar-se sua aliada, veria melhor defendida a sua soberania ultramarina).

portuguesas) nem ao comando inglês. Ainda assim, Portugal tornar-se-á, em 1917, o primeiro país europeu (que não os já directamente implicados desde 1914) a intervir ao lado dos Aliados.

Embora a decisão de participar tenha sido exclusivamente uma decisão portuguesa, a sua concretização dependeu quase a 100% de terceiros (especialmente da Grã-Bretanha), já que Portugal não estava devidamente equipado para a guerra (a sua última intervenção em contexto de aliança fora um século antes, nas guerras napoleónicas, pelo que estava totalmente ultrapassado para a "guerra moderna"[18]).
Assim, Portugal contribuíu essencialmente com efectivos[19] que, depois de um primeiro treino em Portugal, foram equipados e

[18] A experiência militar portuguesa estava talhada em experiências coloniais, com modestas expedições de pacificação em África que colidiram com as exigências de uma guerra de trincheiras e as particularidades da máquina de guerra industrializada, repleta de inovações destruidoras, que Portugal não dominava (nem possuía).
[19] 105.542 soldados, dos quais 55.165 para a Frente Ocidental - a qual provocou o maior número de baixas: 21.825 de um total de 38.012.

transportados pelos britânicos para França (onde fariam novo treino de adaptação[20]).

O embarque das primeiras forças do CEP deu-se em Janeiro de 1917, seguindo-se o esforço de sustentação em transportar (por via marítima) mensalmente 5.000 homens, de forma a que a rotatividade dos efectivos não depauperasse a moral das tropas. Contudo, a partir de Novembro de 1917, cessou o apoio marítimo britânico, o qual foi redireccionado para o transporte das forças americanas, pelo que os soldados deixaram de poder ser rendidos, permanecendo no teatro de operações por exlcusiva decisão política dos governantes portugueses[21].

---

[20] À medida que chegavam a França, iam para áreas de concentração na rectaguarda do sector britânico onde frequentavam escolas britânicas (Escola Central de Instrução, Campo de Tiro, Escola de Observadores, Escola de atiradores e Campo de educação física e baioneta). Após esta formação inicial nas escolas britânicas, o CEP criou as suas próprias escolas, na sua zona de concentração, nas quais as unidades foram instruídas e treinadas.

[21] E apesar do próprio comando britânico, nomeadamente em 1918, ter alertado para a necessidade de retirar os portugueses (já desgastados).

Com a moral cada vez mais obliterada[22], as tropas portuguesas chegam à fatídica ofensiva alemã de 9 de Abril de 1918 que, no sector de La Lys, se saldará por uma estrondosa derrota, apesar de inúmeros actos heróicos, sobretudo no sector português (deliberadamente escolhido pelos alemães por ali ser o ponto mais fraco).
Os portugueses foram duplamente apanhados de surpresa, sobretudo porque iam ser retirados da frente precisamente nesses dias[23].

Se aí se forjou a coragem lendária do soldado "Milhões"[24], também foi nesse palco que 6 centenas de homens tombaram e mais de 6.000 foram aprisionados, naquela que foi a maior derrota militar portuguesa até hoje.

---

[22] Tornam-se cada vez mais comuns as desobediências, deserções....

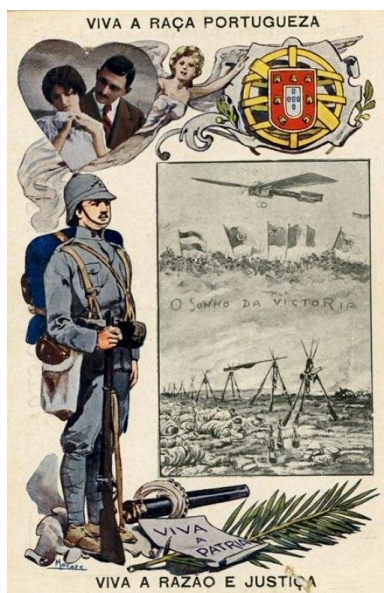
[23] Desde Fevereiro que o comando britâncio propunha (sempre contra a vontade de Lisboa) a retirada dos lusos (os portugueses passaram a estar subordinados tacticamente, desde 6 de Abril, ao XI Corpo Britânico) até decidir impor essa retirada que se iniciaria precisamente a 9 de Abril

[24] Aníbal Augusto Milhais (1895-1970) foi o mais condecorado soldado português da I Guerra Mundial, ficando famoso pela coragem demonstrada em *La Lys*, recebendo, entre outras condecorações, a de Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada (Valor, Lealdade e Mérito), Medalha Militar da Cruz de Guerra (1.ª classe), Legião de Honra (França) e Ordem de Leopoldo II (Bélgica).

Embora Portugal tenha tentado salvar a face, propondo enviar reforços, o CEP, como força de combate, estava irremediavelmente "fora de combate".
O que restava dele, depois de, inicialmente, ter sido absorvido pelas forças britânicas, acabou por ser dispensado dos teatros operacionais, ficando remetido a trabalhos de organização/logística na rectaguarda. Os ingleses não aceitariam novamente, na frente de combate, um CEP que não estivesse comandado por oficiais ingleses[25].

Nesse entretanto, a guerra acaba e, entre Abril e Junho de 1919, o contigente português regressa, 7.000 dos quais vindos de campos de prisioneiros, findando a "aventura" expedicionária portuguesa que, apesar das iniciativas de cosmética política[26] e social, foi

[25] O que não foi bem recebido, já que significava perda de credibilidade e autonomia face aos seus Aliados.
[26] A formação da Liga dos Combatentes, da Comissão dos Padrões da Grande Guerra, para só citar as mais duradoiras, foram iniciativas realizadas para atenuar a sensação de logro e perpetuar o esforço e os sacrifícios que os soldados (assim como a chamada "frente doméstica") tinham feito. Na impossibilidade de identificarem todos os militares que tombaram (bem como o esforço e sacrifício exigidos), as nações, a exemplo da França, passam a erigir monumentos ao "soldado desconhecido". Em Portugal, a 18 de Março de 1921, o Governo autorizou a transladação de dois Soldados

um verdadeiro fiasco que, mais do que militar, se viria a tornar um terrível problema económico e social.  Se Portugal era já pobre e endividado, o que viria a seguir atirar-nos-ia para a miséria[27] e o descrédito, e faria cair a 1.ª República.

Postal de propaganda alusivo à participação de Portugal na guerra

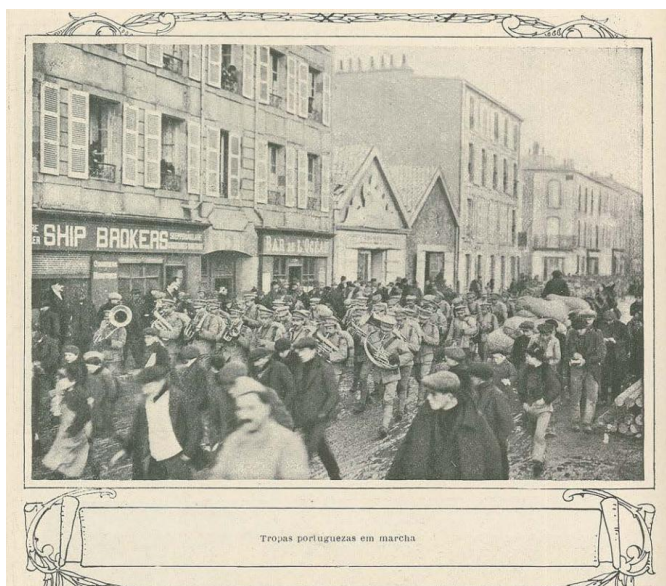
Desconhecidos, um da França e outro de África (Moçambique), para o Mosteiro da Batalha, com a cerimónia de tumulação do Soldado Desconhecido a ser efetuada no dia 9 de Abril de 1921, decretando esse dia como feriado nacional.

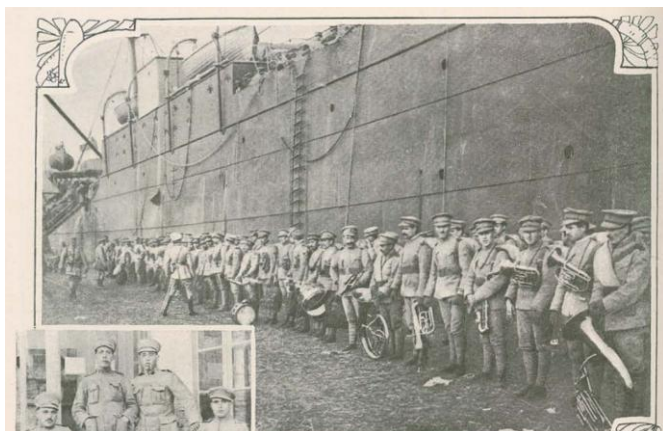
[27] A que também ajudou a pandemia de *Pneumónica* de 1918-1919.

O embarque do CEP para França, em Janeiro de 1917.
( **Ilustração Portugeza**, N.º 573, de 12 de Fevereiro de 1917)

Quadro sinóptico de Portugal na Grande Guerra.
( **Museu do Combatente - Lisboa**)

Tropas recebidas em França, em 1917.

Tropas portuguezas em marcha

Fanfarra do CEP desfilando.

(**Ilustração Portugueza**, N.º 576, de 05 de Março de 1917, p. 186)

Uma banda do CEP ao desembarcar.
(**Ilustração Portugueza**, N.º 589, de 04 de Junho de 1917, p. 444)

Sargentos do CEP.
(**Ilustração Portugueza**, Nº 590, de 11 de Junho de 1917, p. 479)

Banda de Música dos Sapadores do CEP.
(**Ilustração Portugueza**, N.º 651, de 12 de Agosto de 1918, p. 123.)

Desfile das tropas portuguesas em Paris, em 1918.
(Bilhete postal circulado em França)

Soldados portugueses, um deles empunhando o que parece ser um bandolim/banjo, 1917.

Tropas portuguesas numa arruada em França, festejando o S. João.
(VIEIRA, Joaquim - **Portugal Século XX, Crónica em imagens 1910-1920**. Círculo de Leitores, 1999, p.172.)

## *Estudiantinas*/Tunas no dealbar do conflito.

Como já amplamente estudado e documentado[28], o fenómeno das *Estudiantinas*/Tunas estava plenamente enraízado e disseminado pelas nações que mergulhariam na guerra.

Com a sua génese em Espanha, a partir das comparsas carnavalescas que despontam, sensivelmente, a partir da década de 1830, com a designação de "Estudiantinas" (por imitarem e caricaturarem os estudantes), rapidamente se extendem a outras geografias, sobretudo a partir da década de 1870, muito por fruto das digressões dos grupos escolares ou dos grupos profissionais - entre os quais a famosa "Estudiantina Española Fígaro" (principal polinizadora do modelo).

[28] Vd. COELHO, Eduardo, SILVA, Jean-Pierre, TAVARES, Ricardo, SOUSA, João Paulo - **QVID TUNAE? A Tuna Estudantil em Portugal**. CoSaGaPe, 2011-12; SILVA, Jean-Pierre - **A França das *Estudiantinas* - Francofonia de um fenómeno nos séc. XIX e XX**. CoSaGaPe, Lisboa, 2019. CoSaGaPe, Lisboa, 2019 ou ASENCIO GONZÁLEZ, Rafael - **Las Estudiantinas del Antiguo Carnaval Alicantino - Origen, contenido lírico y actividad benéfica (1860-1936)**. Cátedra Arzobispo Loazes, Universidad de Alicante, 2013.

Fosse com a designação "estudiantina" (a mais comum) ou outras ("Tuna", em Portugal; "Mandolinata", Société de Mandolines, entre outras, na Bélgica, Suíça, Luxemburgo...; "Circolo Mandolinistico", em Itália; etc.), estes grupos/orquestras de plectro eram uma das formas de associação/expressão musical mais em voga na altura, onde se misturavam o repertório erudito e o popular, conforme as indiossincrasias e contextos de cada país onde esses grupos floresceram.

Natural, portanto, que, entre outras formas de associação/expressão musical que vamos encontrar transpostos para o teatro de guerra, os grupos de cordofones (que na Europa, especialmente na francofonia, tomam a designação de "estudiantinas"[29] - como categoria/tipologia própria, dentro do grande movimento orfeónico[30]) marcassem forte presença também (mesmo que, em muitos casos, numa organização mais informal - face aos constrangimentos próprios do contexto).

---

[29] SILVA, Jean-Pierre - **A França das Estudiantinas - Francofonia de um fenómeno nos séc. XIX e XX**. CoSaGaPe, Lisboa, 2019.

[30] GERBOD, Paul - **L'institution orphéonique en France du XIX[e] au XX[e] siècle**. Presses Universitaires de France, 1980.

O soldados são portadores de experiências musicais que levam consigo, e partilham com outros camaradas, tornando-se o cenário de guerra um novo palco para os mais diversos grupos musicais que aí despontam, desde logo as *estudiantinas*/tunas, grupos mais disseminados pelas diversas franjas sociais (por exigirem, à partida, menos recursos).

Apresentamos, a seguir, algumas fotos ilustrativas de grupos (pertencentes à tipologia das "estudiantinas") existentes[31] em alguns países beligerantes, nas "vésperas"[32] do conflito.

*Estudiantina-Symphonique* de Choisy-Le-Roi (FRANÇA), *ca.* 1913.

[31] Com designação *Estudiantina*, Tuna ou outra similar.
[32] Optou-se por fotos entre 1900 e 1914, o que reduziu o leque disponível para alguns países.

*Estudantina Jemmapoise,* de Mons (BÉLGICA), em 1912.

Uma *Estudiantina* de Colónia (ALEMANHA), 1907.
(Bilhete postal circulado na Alemanha)

*Estudiantina Bergamasca* (ITÁLIA), 1910.

*Estudiantina de Plovdiv* (BULGÁRIA)*, ca*. 1910.

*Tuna de Oficiais de Barbeiro do Porto* (PORTUGAL), *em* 1914.

**(Illustração Portuguesa**, N.º 451, de 12 Outubro de 1914, p.480)

Ensaio de musica

*Tuna do Club Ginástico Portuguez* do Rio de Janeiro (BRASIL), em 1914.

(**Illustração Portuguesa**, N.º 429, de 11 Maio de 1914, p.598)

Orquestra de bandolins de Sydney (AUSTRÁLIA)*, ca.* 1910.

(Fonte: ***harpguitars.net***)

*Oxford College Mandolin Club* (INGLATERRA)*,* 1917.

*Grupo bávaro* (ÁUSTRIA), *ca*. 1910.
(Bilhete postal)

*Estudiantina* familiar de Zsigmond Szautner, diretor da Academia de Música de Buda (HUNGRIA), 1900.
(Fonte: **www.parlando.hu** - Szul-evfordulok, 2014)

*Estudiantina de Balia* (TURQUIA), *ca*. 1900.
(Fonte: Blogue **Além Tunas**. Artigo de 25-10-2018)

*Estudantina TSANAKA* (GRÉCIA), *ca*. 1909.
(Fonte: Blogue ***Além Tunas***. Artigo de 25-10-2018)

*Grupo "Troika"* (RÚSSIA), ca. 1910.
(Bilhete postal)

Orquestra de Bandolins, Milwaukee (E.U.A.), *ca.* 1908.
(Fonte: **www.newvintagefrets.com**)

# A Vida nas Trincheiras.

A Grande Guerra ficou, como sabemos, caracterizada como "guerra das trincheiras", em virtude da táctica defensiva adoptada face ao poder de fogo presente (armas de repetição e metralhadoras), e que consitia em cavar trincheiras[33] ( para proteger os homens) e ali estabelecer-se para defesa e ataque territoriais.

Essa estagnação dos avanços militares levou os soldados a tornarem-se verdadeiras toupeiras, esventrando a terra e criando milhares de quilómetros de fossos, formando intrincadas e labirínticas redes de trincheiras (por sua vez organizadas em 2 ou 3 linhas[34]) a partir das quais a guerra passou, quase, a resumir-se em conquistar algumas dezenas de metros ao inimigo, após prolongados bombardeamentos de artilharia que transformaram as paisagens da *Somme*, *Verdun* ou *Marne* em verdadeiras "landscape" lunares que, no Inverno, passavam a verdadeiros e quase instransponíveis pântanos de lama.

---

[33] Cerca de 10.000 km de trincheiras foram escavadas ao longo do conflito.

[34] Genericamente, havia 2 a 3 linhas e, longe da frente, situavam-se a zona de descanso, os hospitais, Q.G. e outras valências.

Por entre ratos e doenças, entre bombardeamentos periódicos e investidas pela "terra de ninguém"[35] (que aterrorizavam os soldados), a vida das trincheiras era passada quer a tratar das instalações (reparações, abertura de novos fossos), quer da alimentação e da higiène possível, entre outros afazeres, sempre à espera da chegada do "render da guarda", para dali sairem e poderem passar uns dias de descanso nas linhas recuadas.

Emerge daí a imagem do "poilu", um dos termos mais icónicos da Grande Guerra.
O termo significa "peludo" e é o cognome atribuído aos soldados franceses (mais veteranos) que, numa versão popular (em virtude das condições de vida nas trincheiras) estaria ligada ao uso, mais ou menos generalizado, de barba.
Mas é uma associação algo errónea, já que, a partir do momento em que os ataques com gás

[35] Espaço que fica entre as linhas avançadas de um e outro lado em guerra que, por vezes, distavam entre si de poucas dezenas ou centenas de metros. Também conhecida por "no man's land", era, pois, um espaço vazio, que os soldados tinham de atravessar até chegar às linhas inimigas, e onde a maioria dos soldados encontrava a morte, nas investidas da frente ocidental.

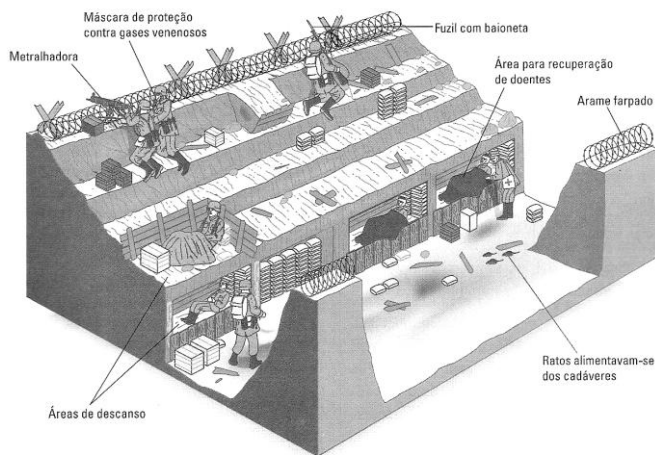
entram em cena, o uso de máscara só é eficaz com a cara barbeada. Por outro lado, os regulamentos militares impedem que os soldados sejam desleixados (pelo menos em teoria).
O que sucede é que como era proibido divulgar fotos tiradas na frente de combate (recordemos que os jornais que divulgam informações sobre a guerra estão sob apertada censura militar) as muitas imagens que apresentam soldados barbudos resulta de fotos tiradas em linhas recuadas (por vezes encenadas), com soldados em licença e, por isso, menos sujeitos às exigências impostas pelo regulamento militar (menos severo quanto a barbas e bigodes).

O termo carrega mais do que apenas esse directo significado do uso de barba ou bigode, já que, na época, na linguagem mais familiar ou na gíria, significava igualmente alguém de corajoso e viril[36] e repesca do imaginário colectivo a figura dos soldados veteranos das guerras napoleónicas.

---

[36] Expressão que encontramos na obra de Molière onde "avoir du poil" (ter pêlo) ou "avoir du poil au ventre" (ter pêlo na barriga - que, por cá, deriva para ter "pêlo na venta") traduzia a ideia de coragem, de audácia, de ser destemido.

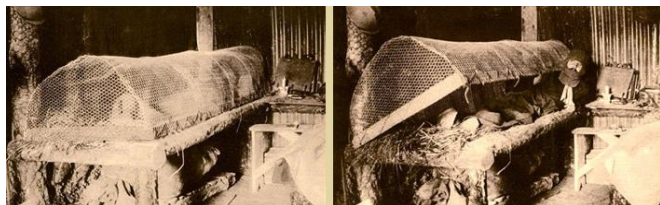
São pois estes "poilus" e tantos outros milhões de soldados lançados para a chacina que, nos momentos livres e de pausa, irão desenvolver todo um conjunto de actividades com vista a manterem a sua sanidade mental e encontrar forças e coragem nesses momentos que são vividos como podendo ser os últimos antes de encontrar a morte.

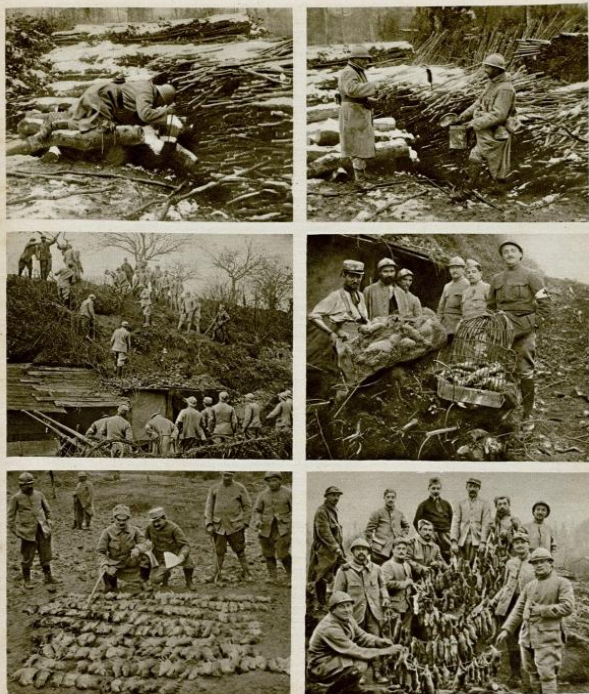
A vida nas trincheiras.

Organização das trincheiras na I Guerra Mundial.

O nosso estudo centra-se, necessariamente, na vida dos soldados nas linhas recuadas, espaço onde estavam mais protegidos dos rigores e perigos[37] .

Florescem, pois, nas segundas e terceiras linhas, bem como na rectaguarda, todo um conjunto de actividades destinadas a distrair os soldados e a mitigar os horrores dos dias passados na linha avançada.
Com efeito, nessas linhas avançadas, os soldados não trocavam de roupa, raramente se descalçavam, não tomavam banho e as rações pouco diversificadas tendiam a provocar vários problemas de saúde[38]. Para além disso, conviviam com infestações de ratos e outros bichos, atraídos por corpos putrefactos e latrinas a céu aberto.

---

[37] Os soldados passavam poucos dias na 1.ª linha (a nível individual, um soldado inglês, por exemplo, passava 15% do tempo na 1.ª linha, 10% na segunda, 30% na terceira e o resto do tempo, ou seja 45%, repartido entre zona de repouso, longe da frente; a gozar licença ou, então, a fazer transportes, treino, etc.).
[38] Regista-se toda uma "patologia de trincheira" traduzida por problemas intestinais, nefrites (infeccções por estreptococos A, infecção por Hantavírus...), mãos/pés de trincheira (prolongada permanência em água fria ou em abiente de frio invernal, que se caracteriza por cianose dos pés/mãos, levando a ulceração e gangrena), reumatismo das valas (por passarem muito tempo agachados ou sentados), cegueira nocturna (por falta de vitama A)....

LE MIROIR 15

LES SPORTS SUR LE FRONT : LA CHASSE AUX RATS

Nos soldats doivent organiser des battues pour se débarrasser des rongeurs

Dans les villages démolis et jusque dans les tranchées, les rats pullulent. Beaucoup atteignent une forte taille. Pour s'en débarrasser, un commandant, dont l'exemple devrait être suivi, a eu l'idée d'accorder à ses hommes une prime de cinq sous par vingt rats tués. Pour éviter les supercheries, les chasseurs doivent apporter au moins les queues des rats morts. En quelques jours, 2.000 rongeurs ont été massacrés. Nous reproduisons quelques scènes de cette chasse originale et de remarquables " tableaux ".

Na primeira imagem, uma cama com protecção contra ratos. Na imagem abaixo, o artigo do jornal "Le Miroir", de 26/12/1915, dá conta de batidas organizadas para caçar ratos.

Nas trincheiras[39] mais recuadas, e, sobretudo, nas linhas mais à rectaguarda (usualmente situadas junto de aldeias e vilas), os soldados organizam festas, concertos, partidas desportivas (futebol, nomeadamente), fazem "bricolage" (chega a haver concursos de objectos manufacturados nas trincheiras) e entregam-se a uma diversificada panóplia de afazeres, com vista a criar um certo ar de normalidade, a servir de consolo e criar ânimo e moral. Por vezes, até sessões de cinema são organizadas pelas chefias.

A noção de uma vida incerta, segura apenas pela providência ou o azar, leva a um sentimento melancólico e sofrido que tantos milhares de cartas, que os soldados enviam aos familiares, ilustram. Daí a razão pela qual se procura, cada vez mais, exorcizar as angústia com o bâlsamo da música, do jogo, do artesanato, do teatro e de todo o tipo de distracções que pudessem (re)criar um certo ambiente de normalidade, contrastando com o caos e a incerteza em que se tornara a vida de soldado mobilizado.

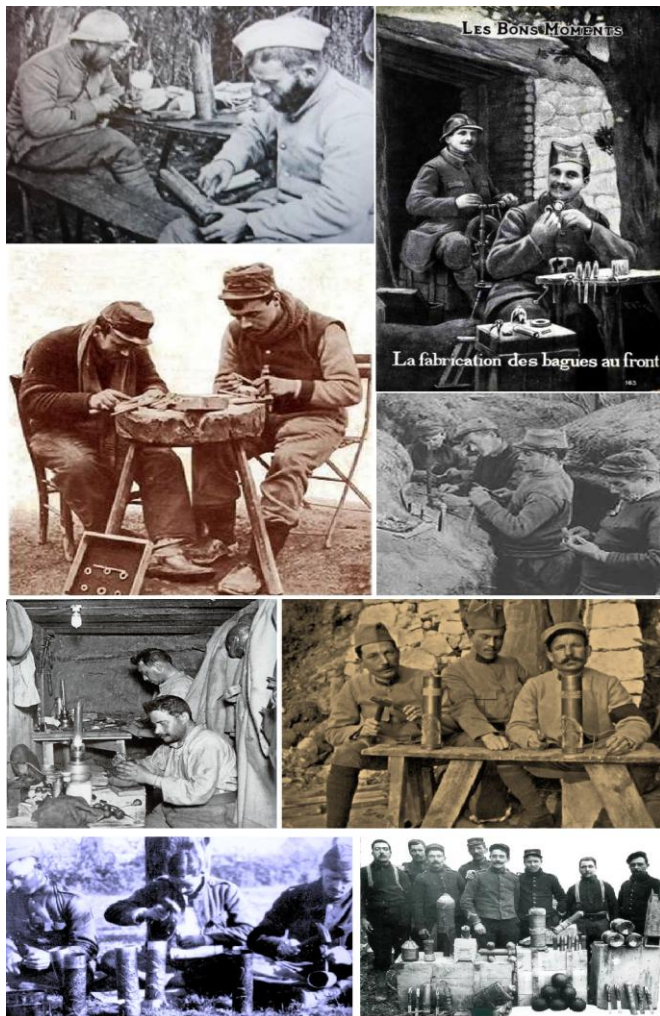
---

[39] Existe um conjunto imperdível de clichés que retratam as trincheiras na obra **La Guerre, Documents de la Section Photographique de l'Armée. Fascicule II - Abris et Tranchées**, 1914-1918. Librairie Armand Colin.

Alguns exemplares do tipo de artesanato realizado nas trincheiras.

(Fonte: *site* **Les Nautes de Paris**)

Alguns exemplares do tipo de artesanato realizado nas trincheiras expostos no **Museu do Combatente** (Lisboa).

(Foto de J.Pierre Silva)

Nos seus tempos livres, os soldados eram verdadeiros artesãos, criando várias peças em ateliers improvisados.

(Fontes: **cndp.fr**; **87dit.canalblog.com** e **P. Loodts, Medecins de la grande guerre**)

# CONCOURS DE « L'ART A LA GUERRE »

## LES RÉSULTATS

Le Jury de notre grand Concours de l'ART A LA GUERRE a terminé ses opérations, le Mardi 7 Décembre, en distribuant aux auteurs des meilleurs envois les Médailles et les Prix dont nous donnons ci-dessous la liste :

## HORS CONCOURS

**DESSINS ET PEINTURES**

Médaille de Vermeil : MM. Bach (Marcel); Meheut; Naudin (Bernard).
Médaille d'Argent : MM. Bouroux (Paul); Bruyer (Georges); Jouve (Paul); Lelée (Léo); Léon (Edouard); Miguet (Maurice); Montagné (Louis).

**JOURNAUX DE TRANCHÉES**

Médaille d'Argent : Le *Petit Echo du 18e Territorial.*
Médaille de Bronze argenté : L'*Etoupille.*
Médaille de Bronze : L'*Echo du Ravin*; L'*Echo... Rit... Dort*; Le *Midi au Front*; Le *Mythe Railleur*; Le *Poilu Grognard*.

PREMIER PRIX — QUATRIÈME PRIX — CINQUIÈME PRIX

SIXIÈME PRIX — TROISIÈME PRIX — DEUXIÈME PRIX

## LISTE DES CENT PRIX

| | PRIX | Nos | OBJETS | NOMS |
|---|---|---|---|---|
| 1er | 500 fr. | 330 | Atelr de fabrication d'obus | L. Drevet. |
| 2e | 250 fr. | 285 | Violon démontable | G. Rabier. |
| 3e | 250 fr. | 1.477 | Service à café | E. Courbet. |
| 4e | 100 fr. | 367 | Jeu d'échecs colorié | A. Huguet. |
| 5e | 100 fr. | 1.620 | Jouet méce : *Le Châtiment* | A. Daran. |
| 6e | 100 fr. | 159 | Mandoline | J. Raynaud. |
| 7e | 100 fr. | 1.451 | Sujets en marrons sculptés | R. Malherbe. |
| 8e | 100 fr. | 976 | Briquet-bidon | G. Chaugeat. |
| 9e | 100 fr. | 1.581 | Bague | G. Cotinl. |
| 10e | 100 fr. | 2.054 | Encrier garni | F. Verjin. |
| 11e | 100 fr. | 1.582 | Canon de 58 de tranchée | G. Porteilles. |
| 12e | 100 fr. | 291 | Canon de 95 s/ affût de siège | C. Salmon. |
| 13e | 100 fr. | 41 | Maqtte du cuirassé *Jean-Bart* | E. Bourg. |
| 14e | Bicyclette | 744 | Jeu d'échecs de poche | E. Dulugat. |
| 15e | Jumelle | 1.152 | Cravache | L. Bœuf. |
| 16e | Chrono | 687 | Canne | E. Maltord. |
| 17e | Jumelle | 361 | Mandoline | A. Millet. |
| 18e | Jumelle | 1.854 | Canon tabatière | G. Saivres. |
| 19e | Rasoir | 1.964 | Briquet | L. Doucet. |
| 20e | — | 1.558 | Aéroplane | A. Jubault. |
| 21e | — | 609 | Torpille modèle 1905 | F. Le Corre. |
| 22e | — | 1.128 | Encrier | P. Patilland. |
| 23e | — | 317 | Réduction d'un aéroplane | A. Fellonneau. |
| 24e | — | 1.634 | Flûte | L. Escalier. |
| 25e | — | 1.395 | Statuette lièvre | C. Bohenrieth. |
| 26e | — | 258 | Avion allemand | G. Fortage. |
| 27e | — | 1.601 | Retour au nid (craie silice) | H. Louis. |
| 28e | — | 149 | Lanterne à essence | E. Geventh. |
| 29e | — | 628 | Tour de suspension (macr.) | H. Lehmann. |
| 30e | — | 2.176 | Aéroplane | Meriget-Sabatier. |
| 31e | — | 780 | Service à escargots | A. Vérité. |
| 32e | — | 1.514 | Coupe-papier | C. Gros. |
| 33e | — | 938 | Pendentif | L. Keymeulen. |
| 34e | — | 332 | Aviatik | E. Bon. |
| 35e | — | 112 | Jeu de jacquet | H. Guillomot. |
| 36e | — | 783 | Aéro Blériot | F. Ladgard. |
| 37e | — | 1.265 | Onglier | T. Scheffyer. |
| 38e | — | 510 | Sonnette | G. Houppé. |
| 39e | Chandail | 1.411 | Aéroplane | A. Cadot. |
| 40e | — | 1.422 | Violon | P. David. |
| 41e | — | 1.120 | Canon modèle 75 | P. Courtois |
| 42e | — | 1.188 | Mandoline | F. Journot. |
| 43e | — | 1.259 | Aéroplane | G. Detaint. |
| 44e | Montre | 1.987 | Encrier crapouillot | L. Bonnet. |
| 45e | — | 262 | Encrier obusier | F. Devroede. |
| 46e | — | 211 | Batterie 155 long au 1/10 | L. Tioé. |
| 47e | — | 1.148 | Briquet à essence | L. Dorsol. |
| 48e | — | 1.856 | Coffret à bijoux | G. Saivres. |
| 49e | Stylo | 1.005 | Coupe-papier | E. Ittel. |
| 50e | — | 709 | Chandelier | P. Perron. |
| 51e | Briquet | 438 | Bracelet | E. Mouillepeaux. |
| 52e | — | 411 | Canne | A. Laroche. |
| 53e | — | 181 | Pièce brodée (Le Goinfre) | A. Petit. |
| 54e | — | 603 | Bague | E. Joncheère. |
| 55e | — | 736 | Cuiller et fourchette | P. Rosier. |
| 56e | Stylo | 617 | Cartouche française gravée | A. Minard. |
| 57e | — | 2.120 | Modèle fusil Lebel | L. Lestrade. |
| 58e | — | 1.787 | Encr-Pte-plume-Cpe-papier | P. Lancelot. |
| 59e | — | 421 | Grattoir et crayon | H. Billard. |
| 60e | — | 4 | Briquet | L. Heymès. |
| 61e | — | 1.791 | Porte-montre | L. Martin. |
| 62e | — | 593 | Bague | M. Venne. |
| 63e | — | 342 | Bande de filet brodé | G. Roche. |
| 64e | — | 50 | Bague | E. Michelin. |
| 65e | — | 331 | Silhouette de poilu | G. Labbé. |
| 66e | — | 109 | Bague | E. Hervet. |
| 67e | — | 1.113 | Encrier *Le Vengeur* | M. Jacquemo. |
| 68e | — | 1.970 | Bague | E. Michelin. |
| 69e | — | 1.565 | Corbeille rafia | M. Courau. |
| 70e | — | 228 | Bague | J. Gohmann. |
| 71e | Fume-cigarre | 863 | Petite grille miniature | L. David. |
| 72e | — | 409 | Canne | A. Laroche. |
| 73e | — | 78 | Bague | F. Bourdon. |
| 74e | — | 172 | Briquet | H. Echemann. |
| 75e | — | 550 | Canne | E. Finet. |
| 76e | — | 860 | Bague | A. Laborde. |
| 77e | — | 1 297 | Canne | L. Guyenot. |
| 78e | — | 947 | Bague ciselée | G. Bruyer. |
| 79e | — | 90 | Porte-photo | T. Boisconau. |
| 80e | — | 746 | Navire dans une bouteille | O. Duolé. |
| 81e | — | 95 | Porte-montre canon 75 | M. Legrand. |
| 82e | — | 295 | Bague | L. Jupille. |
| 83e | — | 166 | Canne | H. Aussenac. |
| 84e | — | 1.858 | Plumier-canon | G. Saivres. |
| 85e | — | 416 | Mandoline | M. Maurin. |
| 86e | — | 58 | Bague | H. Longuet. |
| 87e | — | 862 | Porte-photo | A. Laborde. |
| 88e | — | 371 | Canne | G. Cornudet. |
| 89e | — | 173 | Boîte à bijoux rafia | L. Willems. |
| 90e | — | 1.839 | Figurine « œufs » | M. Bertal. |
| 91e | — | 2.144 | Couverture de berceau | C. Dutot. |
| 92e | — | 336 | Bague | E. Lafleuriel. |
| 93e | — | 414 | Violon | M. Maurin. |
| 94e | — | 2.001 | Bague | L. Bosquet. |
| 95e | — | 206 | Porte-plume gravé | E. Delatte. |
| 96e | Pipe | 2.070 | Bague | A. Thureau. |
| 97e | — | 333 | Serpent | G. Dupont. |
| 98e | — | 850 | Série de bagues | J. Roland. |
| 99e | — | 1.240 | Porte-plume gravé | F. Poujol. |
| 100e | — | 1.367 | Coffret à bijoux rafia | L. Willems. |

*Les objets primés dont nous venons de donner la liste ci-dessus sont rassemblés dans une même salle où les visiteurs de notre Exposition pourront les admirer à leur aise.*

NOTA. — Toutes ces récompenses seront incessamment envoyées à leurs titulaires ou remises aux personnes qu'ils ont désignées pour les recevoir en leur nom.

Dada a quantidade, mas também a qualidade do artesanato das trincheiras, chegam a ser organizados concursos, com prémios monetários associados.

(Fonte: **BNP**)

## Música nas Trincheiras.

Nesse ambiente, a música é um dos elementos mais presentes no quotidiano dos soldados.

A música é tida como um grande auxiliar da guerra, como que servindo de ansiolítico da guerra, ajudando a distrair ou apaziguar a angústica da morte que paira aleatoriamente sobre todos.
O canto e a prática instrumental, com os meios possíveis, tornam-se essenciais à sobrevivência mental.

De ambos os lados em confronto, a música era um forte desejo de fuga mental, pelo que o canto, os intrumentos, os grupos musicais de todo o tipo ajudavam a esquecer, mesmo que momentaneamente, o medo e a morte, transportando-os para um mundo "sem guerra".

De notar que, nesta sociedade de inícios do séc. XX, a importância da música, do canto, da prática instrumental, bem como do fabrico (caseiro ou especializado) de instrumentos, ritmava a vida quotidiana e era mais enraizada que na actualidade, daí ser o prolongamento de tal, no teatro de guerra

(com todos os condicionalismos próprios desse contexto e circuntância).
Inicialmente, na frente[40] de combate, do lado francês, não se autoriza a música que não seja a produzida pelas bandas oficiais, sendo proibida (em contraste, por exemplo, com as tropas aliadas inglesas que a permitem e promovem), mas rapidamente se inverte tal concepção.

Já do lado alemão a música é, entre outras coisas, vista como uma forma de desmoralizar o inimigo.
Portanto, num primeiro tempo, salvo os grupos formais (bandas de regimento, orquestras.....), os únicos instrumentos musicais presentes na frente de combate francesa, por exemplo, eram os apitos dos oficiais, as cornetas (através das quais se emitiam as ordens), as matracas (que serviam para alertar de ataques por gás), os pequenos sinos[41] de mão e guizos (também como formas codificadas de alerta), e os bombos (no sentido de inspirar temor nas linhas inimigas).

---

[40] Nas segundas linhas.
[41] Estas sinetas eram, muitas vezes (e à falta de melhor), construídas a partir de obuses ou outros materiais (como retardadores, latas de conserva...).

No que respeita aos grupos formais/oficiais, sabemos que são inúmeras as fanfarras e bandas militares presentes, para animar as tropas e para solenizar paradas, e eventos formais (visita de generais e dirigentes políticos, bem como datas festivas do calendário). Alguns grupos artísticos (sobretudo quartetos ou sextetos de cordas), formados por soldados que são músicos de renome, acompanham, inclusive, as chefias militares como orquestras privativas, para deleite das altas patentes.

Banda do 115.º RI, dirigida por Léon Manière, tocando numa trincheira de segunda linha, no Verão de 1915.

(Fonte: **www. leon-maniere.fr**)

Mas não apenas de grupos formais e oficiais se fez a história da música nas trincheiras da I Guerra Mundial. Com efeito, foram muitos os grupos espontâneos formados pelos soldados, usando todo o tipo de instrumentos à disposição (ou que pudessem construir) e associando-se em grupos informais que tanto misturavam famílias de instrumentos, tanto se agrupavam numa mesma tipologia, conforme os recursos humanos e materiais, e, principalmente, segundo as circunstâncias.

Grande parte da vida musical, nos diversos teatros de guerra, desenvolveu-se, como temos vindo a dizer, nas segundas linhas e linhas mais recuadas[42], sobretudo nos períodos de pausa e ao abrigo dos perigos da frente de combate; espaço onde os soldados, mais descansadamente, se entregavam à música e outras formas de lazer (sem esquecer os jogos de azar[43]).

Se nesta obra colocamos especialmente o foco nos agrupamentos de plectro (cordas dedilhadas, plectradas e friccionadas), não podemos deixar de sublinhar que é sobretudo

---

[42] E, como mais à frente veremos, nos campos de prisioneiros.
[43] Cartas e dados.

o canto, a música cantada, que domina a expressão musical no cenário de guerra.
Tornar-se-ão famosos temas como "La Madelon" (composto antes da guerra, e que fala de paz e a alegria - e que será um sucesso nos anos posteriores); "Au bois le prêtre" (sobre a valentia dos "poilus" em batalha); "La Lettre dans le Tricot" (homenagem às mulheres francesas que produzem camisolas e meias); "Je cherche après Titine" (tema que fala da busca por uma mulher "Titine", e que atravessou o Atlântico, tornando-se num enorme êxito, pela mão de Charlie Chaplin, em 1936[44]), entre muitos outros.

Como vimos, nas linhas recuadas, faz-se todo o tipo de "bricolage" (no caso que nos importa, falamos da construção de instrumentos musicais), para ocupar o espírito, escapar à loucura (e que tantas cartas testemunham) e onde se improvisam pequenos concertos, seja com 3 ou 4 músicos ou, então, com formações maiores.
Uma forma de esquecer a frente, esquecer os amigos trucidados, esquecer o próprio medo.

[44] "Titine" será também um tema de Jacques Brel, lançado em 1964.

Esses pequenos concertos e as cantorias ganham especial importância, quando em contraste com o que os espera após a licença, carregando todo um sentimentalismo que se alinha com o tipo de música que caracteriza a sociedade em guerra (cânticos e temas patrióticos, a saudade, o regresso a casa, a amada ou familiares que os esperam....) e que é transversal aos países beligerantes.

Imagem curiosa de um piano que resistiu à casa onde se encontrava (ano e local *n/i*).

Dentro da esfera das orquestras/grupos musicais que existem ou se formam, daremos especial atenção aos grupos de plectro, com destaque (porque o cerne deste trabalho) para as Tunas/*Estudiantinas* (com ou sem essa designação assumida textualmente) que, quase

sempre informalmente, se formam um pouco por todas as linhas recuadas da frente ocidental e, também (e sobretudo) nos campos de prisioneiros (aspecto que abordaremos mais adiante).

Sobre o específico caso das tropas portuguesas, transcrevemos estas informações particularmente ilustrativas[45]:

> "*Os sons do harmónio, comprado em França ou trazido de Portugal, ou de uma "guitarra de guerra", construída com muito engenho e imaginação pelas praças de pré ao aproveitarem os fios telefónicos para as cordas e as caixas de madeira das conservas ou a lata, adaptadas pelo manuseio do canivete, para fundo, tampo, cercadura e braço; ouvidos isolados ou acompanhados pelas vozes, poucas vezes afinadas, dos militares - cantando fado, canções regionais portuguesas ("Caninha verde"), canções de revistas portuguesas da moda ("Marcha do vapor" e "Vassourinha") e canções francesas ou inglesas da moda, originais (If I were the only girl in the World...", "Broken-doll", "Madelon" e "It's a long long way to Tipperary") ou adaptadas ("Après la guerre finr", versão de "Sous le ciel de Paris") - possibilitavam o gozo de momentos de alegria, de confraternização em grupo, de nostalgia da terra natal e da família e, por conseguinte, da evasão da realidade e de refúgio em boas recordações.*

[45] MARQUES, Isabel Pestana - **Das trincheiras, com saudade, A Vida quotidiana dos militares portugueses na primeira Guerra Mundial**. A Esfera dos Livros, 2008, pp. 221-226.

*A comemoração de dias festivos, tradicionais e populares de Portugal, como as vésperas dos dias de Santo António e de São João, levava os entrincheirados a organizarem arraiais originais dadas as condições de realização: sem fogo nem balões, os homens muniam-se de guitarras, flautas e harmónios para dançar rodas...*

*(...)*

*Nas trincheiras e durante os momentos de acalmia, os "tempos livres" eram de organização privada pois os combatentes utilizavam o convívio em grupo e a música para resistirem ao desgaste psicológico da guerra. Fora das trincheiras, a ocupação dos "tempos livres" assume outras dimensões.*

*Na Linha de Aldeias, na Base e na rectaguarda exterior ao sector português, a liberdade de escolha é maior pois cada combatente tem mais tempo de descanso, pode circular num espaço maior e usufruir de, mais e melhores, estruturas e meios de evasão durante os períodos de descanso estipulados.*
*Mais uma vez, o convívio em grupo será uma actividade privilegiada pelos expedicionários para esquecer a dura vivência das trincheiras ou a monotonia da rotina militar da rectaguarda.*

*Os "estaminets" eram os espaços de convívio em grupo das praças de pré por excelência. Localizados em alguns cruzamentos de estradas, na zona de transição entre a Linha da Frente e a Linha de Aldeias, mas sobretudo dispersos nas aldeias de 2.ª*

*linha, eram tabernas locais de características semelhantes apesar de variarem de dimensão ...*

*(...)*

*Os cafés e os salões de chá existentes nas cidades próximas da Base, frequentados pelos oficiais portugueses, e as messes de oficiais no sector português eram palco da conversa entre camaradas (cujos assuntos versavam, sobretudo, a política portuguesa e as conquistas femininas), <u>da música e do canto (sobretudo Fado de Coimbra cantado, por oficiais e praças, e tocado com guitarras, harmónios e violinos),</u> da teatralização (sobretudo imitações cómicas protagonizadas por soldados em troca de cigarros e de alguma comida) e das cenas de galenteio e de sedução das jovens francesas."*

Tropas portuguesas à porta de um "estaminet" (ano e local *n/i*).
(Fonte: Revista Quinzenal Ilustrada **Portugal na Guerra**)

# L'ORCHESTRE AU FRONT

*Jouer du violon sans violon, faire de la musique sans savoir la musique, le problème n'est pas pour embarrasser nos poilus. Le lecteur s'en convaincra, en faisant connaissance avec un de ces orchestres fantaisistes et fantastiques auxquels nous ne saurions être trop reconnaissants, puisqu'ils aident à entretenir parmi nos combattants cette gaîté et cette belle humeur qui font partie de la bravoure française.*

o

A mesure que la guerre se prolonge et que, dans les tranchées ou au cantonnement, les heures de loisir s'accroissent, les hommes ne songent plus seulement, pour tromper l'ennui, à occuper leurs mains à de petits travaux divertissants. L'esprit a ses besoins et réclame ses droits.

C'est ainsi qu'on a vu naître et se développer la série des journaux du front, si réconfortants par leur verve alerte ; se former des troupes de théâtre qui composaient elles-mêmes — et avec quel soin pittoresque ! — leurs pièces avec les décors et les costumes ; apparaître enfin de véritables orchestres, capables d'exécuter les morceaux d'opéra ou les symphonie les plus célèbres.

Parmi ces orchestres le plus curieux est peut-être celui de la 2e pièce de la ...e batterie d'artillerie — batterie située en un point de l'Argonne d'où se découvre un vaste secteur de tranchées ennemies. Ce qui fait le caractère spécial de cet orchestre c'est qu'au moment où il s'est organisé il ne s'y trouvait... ni musiciens, ni instruments de musiques.

A imprensa dava conta da actividade artística da frente, servindo, também, para elevar o moral da população.

(Fonte - **Musique au front**, artigo de 25 Março 2015, *in* canalblog.com)

**ON SE CROIRAIT AU CONSERVATOIRE** Il ne suffisait pas de posséder les instruments, il fallait les utiliser. Or, sur les dix premiers violonistes, quatre avaient quelque pratique de l'instrument, deux savaient lire la musique, et les quatre autres en étaient complètement ignorants.

Par bonheur, les hommes de la batterie rencontrèrent des fantassins, parmi lesquels se trouvait un mucisien de profession, prix du Conservatoire. Il accepta de conduire les répétitions, chaque fois que l'occasion s'en présenterait.

Tous parvinrent à jouer agréablement et à composer de bons ensembles, quoique, sur le nombre, il s'en trouvât trois qui ne purent jamais lire la musique.

Dès qu'ils eurent acquis une suffisante virtuosité, les artilleurs-musiciens décidèrent de donner des concerts pour distraire leurs camarades. Placés, selon le temps, sous une tente-abri, ou à l'entrée du bois, non loin de leur pièce défilée sous les branchages, ils invitèrent les soldats des formations voisines et les officiers à venir les entendre.

**DEMANDEZ LE PROGRAMME.** Leurs programmes peuvent donner l'idée de la force où ils ont atteint. Le choix des morceaux est toujours de belle tenue. Entre autres noms, nous relevons ceux de Glück, Chopin, Massenet, Saint-Saëns, Widor, etc.

Parfois le concert est interrompu par le cri : « A vos postes ! » Aussitôt, abandonnant leurs instruments, les canonniers bondissent à leurs pièces et entament, à l'usage de l'ennemi, une musique d'un autre caractère. Puis, l'alerte passée et la réponse dûment envoyée, ils viennent reprendre leurs places devant les pupitres et achever le concert.

1° TISSIER, DE L'OPÉRA, CHANTE LA « MARSEILLAISE », EN PLEIN AIR, À QUELQUES CENTAINES DE MÈTRES DES ALLEMANDS. — 2° LE VOICI ENCORE DANS L'ABRI DE SON CAPITAINE QUI L'ACCOMPAGNE À L'HARMONIUM. — 3° MAIS UN ORDRE EST VENU : « A VOS POSTES! » LES MUSICIENS ONT AUSSITÔT PRIS PLACE DERRIÈRE LEURS CANONS. UN AUTRE CONCERT COMMENCE.

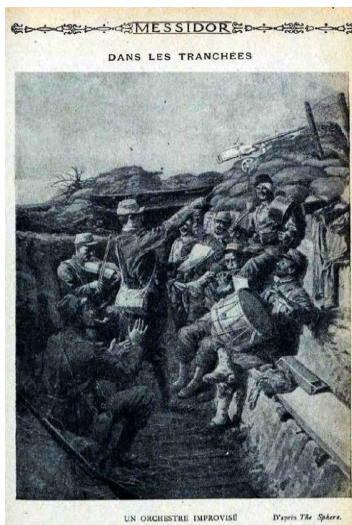
No artigo, é possível perceber que as orquestras mais organizadas, executavam repertório mais erudito.

(Fonte - **Musique au front**, artigo de 25 Março 2015, *in* canalblog.com)

Uma nota, ainda, para o facto de também encontrarmos uma profusa actividade musical nos hospitais de rectaguarda, onde os soldados convalescentes se entregam, muitas vezes, à execução instrumental.

Soldados alemães na enfermaria (ano e local *n/i*).

À porta do hospital, soldados franceses estropiados (ano e local *n/i*).

Uma estudiantina improvisada tocando, segundo a legenda inglesa, numa festa natalícia, na Áustria, em 1916
(Coleção de fotos YMCA A, Arquivos da YMCA da família Kautz, foto 34H, Minneapolis, MN.)

Capa de um periódico que apresenta uma orquestra improvisada nas trincheiras.
(Fonte: **Musique au front**, artigo de 25 Março 2015, *in* canalblog.com)

# Tunas/*Estudiantinas* nas Trincheiras.

Obviamente que os grupos encontrados não estão propriamente nas trincheiras de primeira linha, mas, como já referido, nas linhas e zonas mais recuadas da frente de combate.

A actividade destes grupos vive num grande informalismo e, mediante a circunstância, ora se formam espontaneamente ora se organizam, com alguns ensaios, para alguma apresentação mais formal aos camaradas, a par com apresentações dramáticas e outros grupos artísticos, para animar/solenizar alguma festa ou ocasião especial.

Pelo que se sabe[46], acompanham muitas vezes o canto, cujas temáticas abordam sobretudo os sentimentos patrióticos, ridicularização do inimigo, as saudades de casa, a mulher amada[47]...

---

[46] RIBOUILLAULT, Claude - **La Musique au Fusil**. Edition du Rouergue, 1996, pp.104-196 e **BNF** (Gallica) - Chansons et musiques de la Première Guerre Mondiale [Em linha]. Consulta de 10-07-2020.

[47] Sem esquecer os cânticos mais brejeiros e escatológicos que idealizam desejos e virtudes de cariz sexual.

Ouvem-se e entoam-se, por isso, canções trazidas da terra ou emprestadas às melodias que estão na moda (alterando-lhes por vezes a letra), numa escolha feita quer pelos próprios quer sugerida, na hora, pelos demais camaradas.

Muitas vezes, desafia-se a própria censura, com temas que fazem a queixa e crítica ao quotidiano da guerra, falando de coisas tão diversas como piolhos, a má/escassa alimentação, etc., chegando a ser mordaz e desafiadoramente assertiva, como é o caso do tema "La Chanson de Craonne"[48] ou, então, temas que abordam aspectos pouco cómodos, como a prostituição em massa[49] e o facto do exército francês ser apelidado de maior proxeneta de França (como o explicita o tema "Le cri du poilu").

---

[48] Tema composto por um soldado que possui várias versões - já que, passando de boca em boca, lhe eram acrescentadas ou substituídas plavras.

[49] Vd. TROUILLARD, Stéphane - *Prostituées et soldats, le couple indissociable de la Grande Guerre*. *Site* do canal televisivo **France24**. Artigo [Em Linha] de 13-12-2014. Consulta de 23-07-2020; LE NAOUR, Jean-Yves - *"Il faut sauver notre pantalon",* La Première Guerre mondiale et le sentiment masculin d'inversion du rapport de domination. **Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique, 84** | 2001, 33-44 [Em Linha]. Consulta de 23-07-2020.

Alguns temas estarão, inclusive, associados a motins de soldados que se recusam a combater, muitos deles (sobretudo desertores) fuzilados após sumário Conselho de Guerra.

Mas são especialmente os temas patrióticos e revanchistas que dominam, a par de outros, revestidos de humor e paródia, grande parte deles abandonados no fim do conflito.
Nesse contexto das linhas recuadas, as *estudiantinas*/tunas servem muito mais de suporte ao canto do que como orquestras de execução estritamente instrumental (embora também houvesse peças desse tipo, sempre que os recursos humanos e materiais do grupo o permitissem).

Soldados americanos a cantar, acompanhados de harmónica, ukulele e banjo (ano e local *n/i*).

Se quisermos, entretanto, estabelecer alguma diferença entre os "Aliados" (França, Rússia...) e o lado germânico, no que concerne a estas "estudiantinas", tal poderá sumariamente centrar-se no facto do acordeão (e do já citado "bumbass") estarem mais presentes do lado germânico (sem esquecer a harmónica[50]), enquanto do outro lado dominam muito mais o bandolim e o violino.

Como é de esperar, nenhum desses grupos ostenta ou assume uma designação formal, dado o seu carácter efémero e espontâneo. Não temos, portanto, *Estudiantinas*/Tunas de tal ou tal lugar ou deste ou daquele grupo em específico (regimento, aquartelamento, especialidade militar...), salvo o caso da *Tuna de Alfaiates* formada no seio do CEP (Corpo Expedicionário Português), composta por soldados cuja profissão fora, na vida civil, a de alfaiates[51], num agrupamento que, embora efémero, se identifica com tal nomenclatura.

---

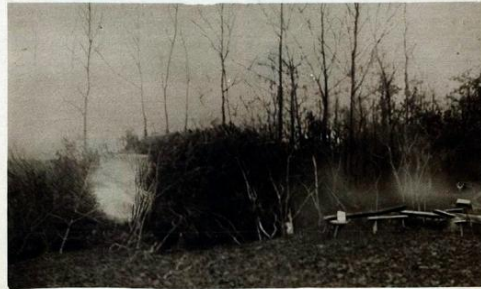
[50] De que a Alemanha, nessa época, é o primeiro produtor mundial.

[51] Em Portugal, é longa e enraizada a existência de tunas formadas por classes laborais (operários, alfaiates, caixeiros...).

Uma tuna improvisada por praças e soldados de infantaria portugueses, nas proximidades das trincheiras, em França, 1917.
(**Ilustração Portugueza**, N.º 596, de 23 de Julho de 1917, p. 64)

*Tuna de Alfaiates* do CEP (Corpo Expedicionário Português), *ca.* 1918.
(Fonte: **valadodosfradesfotos.blogspot**)

LE MIROIR 15

**CONCERT INTERROMPU PAR UN DUEL D'ARTILLERIE**

**Les artistes jouaient devant leur batterie: ils ont dû laisser la parole au canon**

A l'occasion de la Sainte-Barbe, l'orchestre à cordes de la 11e batterie du .me régiment d'artillerie avait organisé un concert auquel des artistes en renom, parmi lesquels le baryton Tessier de l'Opéra, prêtaient leur concours. Le programme annonçait: "Le concert commencera à 14 heures. Rendez-vous à la position de batterie". A l'heure dite, les artistes attaquaient la "Marseillaise" quand une action d'artillerie s'engagea et derrière les banquettes désertées brusquement, les 75 continuèrent le concert.

Concerto por soldados franceses, na frente, em 1915, e artigo do jornal "Le Miroir" que dá conta que foram interrompidos devido a um obus.

(Fonte: **Collection Historial de la Grande Guerre ©Photo Y.Medmoundodosfradesfotos.blogspot**)

Concerto dentro de uma trincheira francesa, na região de Carency (ano *n/i*).
(Bilhete postal circulado em França)

À esquerda, um postal de 1915, cuja imagem retrata um soldado italiano tocando bandolim. À direita, foto de um soldado germânico, numa trincheira, com um bandolim artesanal (ano e local *n/i*).

Oficiais austro-húngaros na frente de Isonzo, comemorando o Natal, em 1915.

(Fonte: **Acervo de Tolminski muzej. Eslovénia**)

Pequena orquestra de soldados germânicos nas linhas recuadas (ano e local *n/i*).

(Fonte: **musique-tranchee ©D.R.**)

Soldados franceses do 59.º RI que deram concerto para o general Gouraud, em Julho de 1916, no regresso de Verdun. Apresentam instrumentos construídos pelos próprios (destacando-se os violoncelos).

(Fonte: **monsenbaroeul.fr.**)

Soldados franceses dando concerto. É possível observar diferentes instrumentos manufacturados pelos próprios (ano e local *n/i*).

Pequenas orquestras de soldados alemães, *ca.* 1916 (local *n/i*).

Tropas italianas *ca.* 1917 (ano e local *n/i*).
(Fontes: **Associazione Nazionale Mutilati** e **Invalidi di Guerra sezione di Parma**; **Gruppo Studi Capotauro**)

*Estudiantina* de soldados franceses posando junto a um cartaz improvisado que anuncia o programa do espectáculo que será dado nessa noite (ano e local *n/i*).

(Bilhete postal circulado em França)

Foto de 1918 (local *n/i*), ilustrando soldados franceses acantonados em cuja foto se observa um bandolim e uma guitarra.

(Bilhete postal circulado em França)

À esquerda, soldados franceses nas trincheiras, um deles tocando num bandolim artesanal. À direita, o soldado francês François Gervais, tocando num violoncelo feito a partir de uma caixa de munições (ano e local *n/i*).
(**Museu da Grande Guerra de Meaux**, Fonte L'express, artigo online - *Les Musiciens dans la guerre*, de 03-08-2015 e **Collection Historial de la Grande Guerre** ©Photo Y. Medmoun)

Soldados franceses tocando um bandolim e violino improvisados (ano e local *n/i*).
(Fonte: **Europeana**)

À esquerda, soldado sérvio na frente de Tessalónica, junto a uma panóplia de instrumentos de corda. À direita, soldados americanos com bandolim, guitarra e ukulele. (ano e local *n/i*).

Soldados russos, em 1917 (local *n/i*), com balalaicas, bandolim e guitarra.

(Fontes: **ru.ambafrance.org**)

Soldados alemães com guitarra, cítaras e bandolim (ano e local *n/i*).

(Bilhete postal)

Soldados alemães em repouso numa aldeia da frente, tocando bandolins e violino (ano e local *n/i*).

(Fonte: **CPA1914 Thierry COISNE** *in* Forum Pages 14-18)

Soldados franceses aproveitando uma pausa para um concerto improvisado (ano e local *n/i*).

(Fonte: **RIBOUILLAULT, Claude - Chroniques poilusiennes**)

Soldados franceses gozando de uma licença, numa aldeia em ruínas, em 1917 (local *n/i*).

As imagens parecem ilustrar soldados austro-húngaros ou belgas. Na foto de baixo, vemos um soldado empunhando uma guitarra-harpa. (ano e local *n/i*).

Foto enviada à família por um soldado alemão (ano e local *n/i*).

Soldados alemães com violino, guitarra-harpa e cítara (ano e local *n/i*).

(Fonte: **harpguitars.net**)

Soldado do Kgl. Saxão (ano *n/i*), do 8.º RI, Príncipe Johann Georg, N.º 107 (Leipzig).

(Fonte: joerookery no flickr)

Soldado italiano empunhando um bandolim (ano e local *n/i*).

Soldados franceses aquartelados. Na fila da frente, sentados, uma linha de executantes de bandolim (ano e local *n/i*).

(Bilhete postal)

Soldados austro-húngaros que formam o *quinteto Schrammel*, 1915.
(Fonte: Coleção de Wiener Volksliedwerklhete )

Cromo que ilustra uma pequena orquestra de soldados alemães (ano *n/i*).

# A Manufactura de Instrumentos.

De notar que o trabalho "luthier" desenvolvido pelos soldados é muito "sui generis", já que muitos instrumentos são confeccionados a partir de materiais deixados nas trincheiras e campos de batalha pelos camaradas mortos (capacetes, cantis.....); uma forma de perenizar a sua memória, grafando-a aos instrumentos que acabam por os evocar, homenagear e, até certo ponto, gozando com a própria morte que os espreitava.

Para a confecção dos instrumentos, fazia-se uma verdadeiro reaproveitamento dos materiais disponíveis, pelo que encontramos latas de conserva, capacetes, invólucros de obuses ou de morteiros, caixas de tabaco, caixas de munições, arame e fios de telégrafo, só para citar alguns exemplos mais comuns.

Muito soldados levaram consigo os seus instrumentos (os que, pela sua dimensão e peso eram de fácil transporte), mas também os puderam adquirir localmente (por compra ou recuperados nos escombros) ou encomendando-os através dos serviços de correio, que, durante grande parte do conflito, funcionaram excepcionalmente bem de ambos

os lados dos exércitos, sobretudo para os campos de prisioneiros (graças à Cruz Vermelha, neste caso), como sucedeu, por exemplo, no campo de Queldinburg:

*"An orchestra…? Charm for captives! What fertile imagination would have dared to dream of the possibility of such recreation in September when, (censored) exhausted, sick, we arrived at the Prisoner Camp.*
*Today is the reality! As soon as we obtained permission from our guards, a committee was formed, its first duty was to raise funds. The money quickly gathered proved the enthusiasm of the public. <u>The performers, for their part, inflicted great sacrifices, these allowed the formation of a satisfactory orchestra.</u> Yet things drag and it is said ... .the public is impatient! He is wrong. If he did much for us, did not we do as much to allow him to wait for the date of the first concert. Sunday's musical auditions do not suffice. He wants more, he is very demanding; This is a good sign, it is that he is interested in "our music", that of the camp, the work of all. He wants to attend the least of our rehearsals. This is unfortunately impossible. We can not give him satisfaction, as much for the proper execution of the current hearings as for that of the future concerts. At present, we lack scores. **<u>We expect a lot from France. We ordered from Germany, they do not come</u>**. It is long and we are the first private. We do not, however, remain in inactivity. Thanks to the zeal of our distinguished bassist, Mr L. Kircher, who, from memory or with the help of mediocre documents, adapted for our "music" almost all the pieces executed until now. More obscure but no less appreciable devotions complement the work undertaken and no performer refuses to copy and transpose even after long hours of individual labor and repetition.*

*When our readers can not read the details in the rehearsal room, they will understand that it is inadmissible to require more than one hour of music per week. It is materially impossible for us to do more. As they will resign themselves and wait.*

*The happy time of the concerts can not be long.* ***An instrument has just arrived from France****, it is the first and its owner, the renowned oboe Mr Marson, prize of the conservatory, was heard the very next day during the rehearsal of the Grand Concert Populaire announced for the celebration National of 14 July. This special concert will precede, hopefully, the Grand Concert inauguration.*

*This is still delayed by the announced departure of the stretcher-bearers. Music and instrument controls were suspended, causing a further delay of at least one week.* ***We are constantly awaiting new instruments. The arrival of the trombone slide is imminent. The supplier tells us that he is polishing!*** *Impatience is now feverish. See you soon for the first concert; Great assistance will encourage us!"*[52]

Mas, com o avançar do tempo, foi-se tornando cada vez mais difícil obter instrumentos a título pessoal (que não fossem para as orquestras oficiais), não apenas pelas contigências do conflito, mas também porque o dinheiro escasseava e tinha outras

[52] *In* BRUBAKER, Mike - The Quedlinburg POW Camp Orchestra. Blog ***temposenzatempo***. Artigo [Em linha] de 26-11-2016 (Consulta de 23-07-2020), citando o jornal do campo de prisioneiros de Queldinburg, **Le Tuyau**, de Julho de 1915, p. 5.

prioridades, daí o desenvolvimento de uma pequena "indústria" de *luthiers* de ocasião, onde carpinteiros ou voluntariosos soldados com jeito para trabalhos manuais, confeccionavam, nas linhas mais recuadas, toda uma panóplia de instrumentos, a partir dos materiais que encontravam à mão.

Embora existissem *luthiers* de profissão incorporados, a larga maioria dos artesãos não era especializada o que, aliado à escassez de matérias primas e utensílios apropriados, levava a que o resultados fosse algo bastante tosco e rudimentar, mas, como diz o ditado "em tempos de guerra não se limpam armas" pelo que mesmo com todas esss limitações, os instrumentos construídos serviram engenhosamente os propósitos, juntando-se aos demais instrumentos "a sério".

O fabrico de instrumentos estava, pois, presente dos dois lados do conflito.
Desses, destacamos o instrumento mais representativo das tropas alemãs (a par com o acordeão e a harmónica): o "Bumbass"[53] que, contrariamente ao que deixaria pensar, não é uma variante do violoncelo ou contrabaixo,

[53] Também apelidado de "Teufelsgeige" ou "Baixo da Flandres".

mas, antes, do berimbau brasileiro[54]; um instrumento monocórdico que se executa mais de forma percutida que friccionada.

O "Bumbass", fotografado nas mãos de soldados alemães, durante a I Guerra Mundial.

[54] O berimbau (ou "hungo" no português angolano), também conhecido, em Portugal, como "berimbau de peito" ou por "hungu", em África, é um instrumento de corda com origem em Angola e tradicional da Bahia. É também conhecido entre os angolanos como "m'bolumbumba", e utilizado pelos quimbundos, ovambos, nyanekas, humbis e khoisan. No sul de Moçambique, tem o nome de "xitende". É constituído por uma vara em arco, de madeira ou verga, com um comprimento aproximado de 1,50 a 1,70 metros e um fio de aço (arame) preso nas extremidades da vara. Na sua base, é amarrada uma cabaça ou um coité, sendo mais comum a cabaça com o fundo cortado, que funciona como caixa de ressonância.

Alguns instrumentos que encontramos carregam em si uma verdadeira simbologia e tornaram-se peças verdadeiramente históricas. Com efeito, o Arquivo do Museu da Música, da cidade da Música - da Filarmónica de Paris, possui um estranho violoncelo cognominado de "poilu", datado de 1915, e construido a partir de uma caixa de munições e outros materiais de fortuna. Pertenceu a Maurice Maréchal, célebre violoncelista, incorporado aos 22 anos. Partira para a guerra com o seu violoncelo e, a pedido do Marechal Mangin e do violinista Lucien Durosoir, passa a integrar um quarteto de cordas, tornando-se músicos oficiais do estado maior.

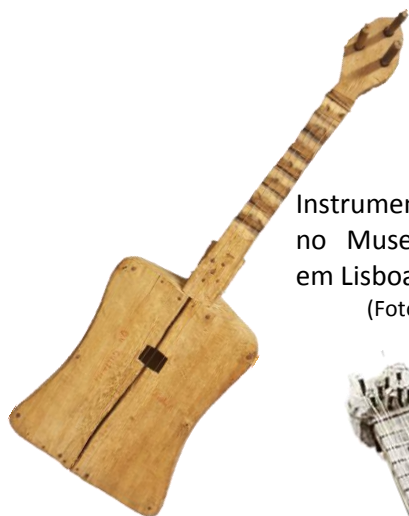
Mas, devido a um obus, o violoncelo de Maurice explode. Com o pouco que dele se aproveita (especialmente a parte da "alma"), é reconstruído por dois carpinteiros (Plicque e Neyen) em 1915, surgindo o famoso "poilu" cujo tampo, além de estar assinado pelos dois construtores, foi rubricado pelos famosos marechais Foch, Mangin, Gouraud, Joffre e Pétain.
Será o instrumento musical mais famoso dessa época.

Alguns instrumentos recolhidos e restaurados, pertencentes à colecção de Claude Ribouillault.

O Instrumento à esquerda é feito com base numa pequena panela de campanha. À direita, um violino improvisado.

(Fonte: ***pierrickauger.wordpress.com 3***)

Diversos bandolins confeccionados pelos soldados.

(Fonte: **Canopé CNDP de Reims** - Museu da Guerra de Meaux)

Instrumento que se encontra no Museu do Combatente, em Lisboa.

(Foto de J.Pierre Silva)

Instrumento de fabrico alemão.
(Fonte - **Musique au front**, artigo de 25 Março 201, *in* canalblog.com)

Pandeireta, cuja pele possui a imagem de um soldado francês da guerra de 1870-71, e que ainda se usava ao início da Grande Guerra.

Neste conjunto, temos alguns cordofones esculpidos pelos proprietários. Os últimos dois (em baixo) são feitos a partir de um caixa de cigarros e de um capacete, respectivamente.

(Fonte - **Musique au front**, artigo de 25 Março 2015, *in* canalblog.com)

Um violino, com o corpo feito a partir de uma lata.
(Fonte: **Centre de Recherches de L'Historial de la Grande Guerre**)

Bandolim feito com base num capacete francês. Atente-se à boca, desenhada com o perfil de um capacete alemão.
(Fonte: **Centre de Recherches de L'Historial de la Grande Guerre**)

Bandolim italiano.
(Fonte: **Museo Della Bataglia Vittorio Veneto**)

Bandolins cujo corpo é um capacete francês.
(Fonte: **Museu da Grande Guerra - Pays de Meaux**)

Maurice Maréchal, conhecido músico francês, com o seu famoso violoncelo, o "poilu", construído por Plicque e Neyen, em 1915, e cujo tampo, além de estar assinado pelos dois construtores, foi rubricado pelos famosos marechais Foch, Mangin, Gouraud, Joffre e Pétain.

1236 **Lectures pour Tous**

**DES LUTHIERS IMPROVISÉS.** En effet, l'idée première de construire des violons n'est pas venue ici d'un musicien de profession, mais d'un simple travailleur manuel, le maréchal ferrant P... qui, sans connaître la musique, se souvenait cependant d'avoir manié jadis un violon. Il s'avisa, un beau jour, d'en construire un dans une vieille caisse, avec les instruments de la forge. Il y réussit à souhait. Aussitôt, par esprit d'émulation, l'un de ses camarades, le canonnier A... — autrefois employé de commerce — se tailla un instrument semblable dans une boîte à savon.

Alors, se déchaîna une véritable épidémie de violons. Tous les hommes de la pièce, le chef de section en tête, se mirent en devoir de posséder leur instrument. On réquisitionna les vieilles boîtes à harengs, à fromage de camembert, à chlorure de chaux. Et l'on se mit à tailler et à clouer avec entrain.

Chaque fois que ce fut possible, on s'efforça de se rapprocher de la forme traditionnelle du violon, d'arrondir les angles, de perfectionner les courbes. Mais ces élégances ne furent pas toujours réalisables. Lors donc que le bois ne s'y prêtait pas, on conservait à la boîte — comme on peut le voir par une de nos photographies — sa disposition originelle. Des morceaux de chêne, de hêtre, d'érable, pris aux arbres de la forêt voisine, servaient à composer le manche, la touche, le cordier, les clefs.

Quant aux archets, on les faisait tout simplement avec des baguettes de houx et de noisetier et une mèche de crins de cheval nouée, liée et collée à la pointe avec la cire provenant des piles de lampes électriques de poche.

Des pupitres furent formés à l'aide de branches fourchues, au nœud de jonction desquelles on adapta la tablette portant la musique.

1° UNE BOITE À CIGARES, UNE CAISSE À CHOCOLAT, VOILÀ LE VIOLON ET LE VIOLONCELLE. — 2° L'ORCHESTRE DE LA BATTERIE, GROUPÉ DEVANT UN 75 BIEN DÉFILÉ, DONNE UN CONCERT, DE SA FAÇON. — 3° CONSCIENCIEUX, LE SOLISTE FAIT UNE HEURE D'ÉTUDE DANS SON ABRI SOUTERRAIN.

O artigo aborda precisamente o trabalho de manufactura de instrumentos, os materiais usados... tudo motivado pelo desejo de cada um que soubesse tocar possuir o seu próprio instrumento.

(Fonte - **Musique au front**, artigo de 25 Março 2015, *in* canalblog.com)

10 LE MIROIR

DES DOUILLES D'OBUS TRANSFORMÉES EN VIOLONS

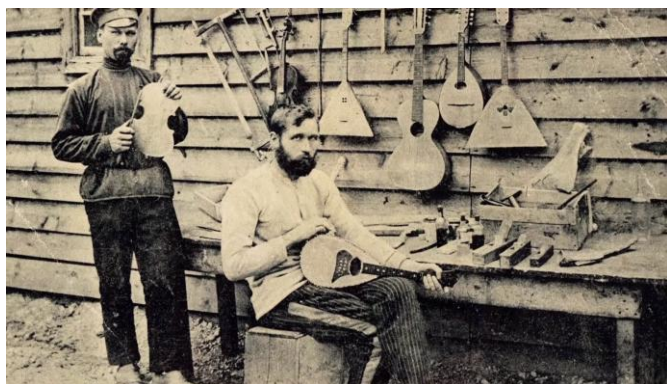
**C'est à quelques kilomètres de la ligne de feu qu'est installé cet étrange luthier**

La musique rallie beaucoup d'amateurs sur le front. Les uns se sont fait envoyer des instruments, les autres en fabriquent eux-mêmes, ingénieusement, de très imprévus. Des boîtes à conserves, de vieux bidons d'essence, des gamelles allemandes se transforment en mandolines, en guitares, des manches à balais deviennent des manches de banjos. Voici un soldat qui, à ses instants de liberté, fabrique de parfaits violons de cuivre avec des douilles d'obus. Il vend en plein air et fait, paraît-il, de bonnes affaires.

O artigo, cujo título é "Invólucros de obuses transformados em violinos", refere que um soldado instalou o seu atelier de construção de instrumentos musicais a pouca distância da frente e ali tem feito bons negócios.

(Fonte: ***87dit.canalblog.com***)

Convirá igualmente dar conta que as muitas oficinas improvisadas ao longo de toda a frente e linhas recuadas acabarão por encontrar iguais congéneres nos Campos de Prisioneiros (capítulo que abordaremos a seguir).

Nesses campos, essas oficinas serviam quer para suprir as necessidades quotidianas da sociedade prisional quer, também, para entreter os homens nas suas actividades lúdicas. Por essa razão, também nos campos se encontram artesãos/*luthiers* que, com engenho e criatividade, aproveitam tudo o que podem para construir instrumentos musicais, de modo a colmatar a falta de instrumentos "a sério".

"Luthiers" num campo de prisioneiros (ano e local *n/i*).
(Fonte: ***Acervo de Ribouillault***)

# Os Campos de Prisioneiros-

Se, até agora, passámos em revista a situação no teatro de guerra, nas trincheiras e linhas recuadas, há um outro mundo que se desenvolve longe da frente de combate, onde também os soldados acabam por vivenciar esse tal mundo de fuga à realidade: os campos de prisioneiros.

Durante a guerra de 1914-1918, o tratamento a dar aos prisioneiros de guerra era exercido com base no regulamento humanitário consagrado e aceite internacionalmente - "The Hauge Law", revisto no final da segunda Conferência de Haia, em 18 de Outubro 1907[55], embora se tenham verificado muitas infracções.

Quando o conflito estala, as nações em confronto contavam com uma guerra de curta duração, mas rapidamente se percebe que o confronto será longo e a questão dos prisioneiros de guerra cedo coloca problemas logísticos de uma dimensão nunca até antes vivida, pelo que ambos os lados estão despreparados para o problema de tranportar,

---

[55] Onde foi assinada a "Convenção de Haia" que estipulava um código e leis de conduta para com prisioneiros de guerra.

acomodar e tratar da manutenção e alojamento de prisioneiros - passando a ser um custoso imperativo, face ao inesperado número de cativos[56].

São, portanto, ao longo dos anos em que o conflito dura, criados inúmeros campos de detenção, organizados em torno de uma hierarquia logística cada vez mais complicada de gerir.

Havia campos de trânsito e campos provisórios[57] (na frente), a partir dos quais os soldados eram depois levados e distribuídos pelos campos definitivos e permanentes (alguns dos quais eram campos de trabalhos forçados), divididos em campos para praças e campos para oficiais. Existiam ainda campos disciplinares, onde os prisioneiros serviam de mão de obra para construção e manutenção de trincheiras ou para carregar cadáveres, entre outros.

---

[56] Em finais de 2014, contam-se, já, cerca de 350.000 prisioneiros franceses.

[57] Nesses campos provisórios (que, por vezes, não passavam de cercas ao ar livre, como para os animais) os prisioneiros recebiam os cartões de identificação para preencherem com o nome, número e unidade a que pertenciam; informação que era posteriormente enviada para a Cruz Vermelha Internacional, que a fazia chegar ao país e às famílias do prisioneiro.

Das muitas dezenas de campos existentes (sobretudo na frente ocidental - que nos serve de referência geográfica), convirá salientar que os alemães cedo revelaram dificuldades materiais em manter um bom funcionamento desses centros de detenção, não apenas pela enorme quantidade de prisioneiros que aflui, sobretudo com as grandes ofensivas de 1915 e, mais tarde, 1918 (não contam fazer tantos prisioneiros, o que origina, desde logo, falta de espaço), mas porque as crescentes falhas de abastecimento (materiais, comida, agasalhos, medicamentos) a isso obrigaram.
O exército e a própria população alemã foram sendo cada vez mais fustigados pela escassez, isolados que estavam pelos Aliados, nomeadamente por via marítima[58].

A realidade dos campos é bastante similar dos dois lados em guerra. Muitos desses lugares atingem dimensões tais que são verdadeiras urbes onde milhares de prisioneiros, ali amontoados, vivem uma vida, de certo modo, surreal, dado que ali convivem vincados sentimentos de tristeza e frustração com a

[58] O bloqueio marítimo, exercido sobretudo pela poderosa armanda inglesa, foi determinante para privar o inimigo de bens essenciais.

necessidade de continuar a viver de forma mais ou menos civilizada e organizada.

Campo de Darmstadt (Alemanha).
(Bilhete postal do CIRC, ano *n/i*)

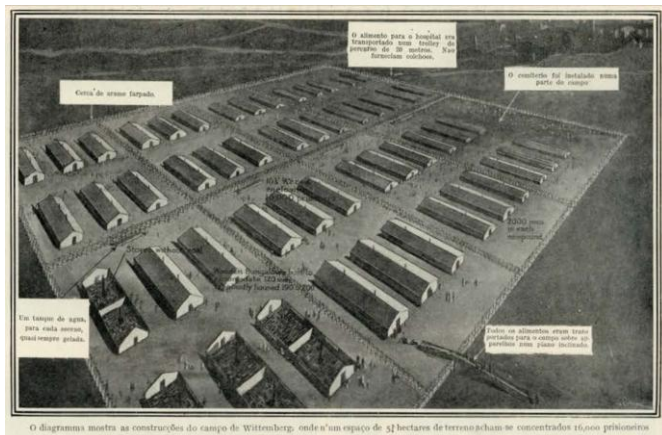
Vista do cemitério do campo de Meschede na Alemanha, *ca*. 1915.
(Bilhete postal do CIRC)

Neste mapa parcial, podemos observar a distribuição dos campos de prisioneiros no teatro europeu.

(Fonte: **grandeguerre.icrc.org.fr**)

Campo de Harderwijk (Holanda), 1916.

(Fonte: **Europeana**)

O diagramma mostra as construcções do campo de Wittemberg, onde n'um espaço de 5½ hectares de terreno acham-se concentrados 16,000 prisioneiros

Aspecto do campo de prisioneiros de Winterberg (Alemanha), acolhendo 16.000 prisioneiros em cerca de 5 hectares.

(**O Espelho**, Vol. II, N.º3, de 22 de Abril de 1916 p.38.)

Fernsicht vom Turm des Lagers — LIMBURG — Vue prise de la tour du camp

Campo de prisioneiros de Limburg (Alemanha).

(Fonte: *site **histoire des poilus** 1914-1918*)

Por isso, os campos irão proporcionar, de forma similar ao que sucedia nas linhas recuadas, momentos de entretenimento, de distração, de solidariedade, ajudando a fazer esquecer a pátria distante, o facto de se estar preso e, acima de tudo, a fome e falta de condições.

Essa carestia alimentar e cada vez maior falta de condições, à medida que o conflito se prolonga, faz-se sentir, necessariamente, também do lado dos "Aliados", cujos campos de prisioneiros se viam igualmente a braços com dificuldades logísticas e de abastecimento (embora de forma bem menos acentuada).

Essa crise, transversal a todos os países beligerantes, levou a que as nações fizessem os chamados "Acordos de Pão", em 1916, com o intuito de mitigar o sofrimentos dos seus militares aprisionados, permitindo o envio de encomendas que eram distribuidas pela Cruz Vermelha.

De realçar o papel fundamental das organizações humanitárias no apoio aos prisioneiros, fosse o CICR (Comité Internacional da Cruz Vermelha) ou os CNCR

(Comités Nacionais da Cruz Vermelha)[59], a Agência Internacional de Prisioneiros ou as muitas dezenas de associações civis, jornais ou empresas dos países envolvidos que recolhiam fundos e organizavam todo o tipo de logística necessária para amenizar o sofrimento dos soldados em cativeiro[60].

Foto da Agência para os Prisioneiros de Guerra pertencente ao Comité Internacional da Cruz Vermelha.
(Fonte: **Centre de Recherches de L'Historial de la Grande Guerre**)

---

[59] A quem se devem, entre outros, os esforços para as primeiras trocas de prisioneiros.

[60] Em Portugal o envio de "colis" esteve sobretudo dependente de iniciativas privadas, como a Associação Cruzada das Mulheres Portuguesas, a Cruz Vermelha Portuguesa, o Triângulo Vermelho Português e o jornal "O Século". O Estado criou o Comité de Socorro aos Militares e Civis Portugueses Prisioneiros de Guerra, com a função principal de coordenação das acções humanitárias com as estruturas dos outros Estados Aliados.

Sabemos que antes de 1918, na frente ocidental, a maioria dos prisioneiros aliados eram enviados por comboio[61] para centenas de campos dispersos pela Alemanha (cerca de 175). Só um pequeno contingente era destinado para as já mencionadas tarefas de reparação de trincheiras, carregar ou enterrar cadáveres, assim como carregar abastecimentos, reparar edifícios ou, até, trabalhar nos campos agrícolas. Contudo, com a última grande ofensiva alemã de 1918 (que fez milhares de prisioneiros[62]), o bloqueio naval exercido pelos Aliados, a par da baixa produção agrícola e industrial, os alemães viram-se cada vez mais incapazes de fornecer condições aos milhares de homens que tinham detidos[63], usando-os cada vez mais como mão-de-obra. À data do Armistício, estima-se, por exemplo, que um sexto dos prisioneiros britânicos estivessem a trabalhar na Bélgica e

---

[61] Ainda assim, faziam o percurso a pé, da frente até à estação e, muitas vezes, novamente a pé, da estação até ao campo de detenção. As condições de transporte eram deploráveis, com os prisioneiros metidos em vagões de gado, amontoados e sem sanitários.

[62] A título de exemplo, recordam-se os cerca de 54 mil ingleses e 6.500 portugueses.

[63] Em finais de 1918, os alemães detinham cerca de 2,5 milhões de prisioneiros (segundo Charlotte Chaulin, no artigo "7 Millions! Les soldats prisonniers dans la Grande Guerre", in *site* **herodote.net** [Em linha], consultado a 16-05-2020.

em França, entre outros que eram empregues na Alemanha em trabalhos agrícolas[64].

Essa escassez de víveres  levou à rápida disseminação de doenças intestinais e de estômago, entre outras, que debilitaram e/ou mataram incontáveis soldados nos campos de detenção.
Apesar das convenções internacionais determinarem que os presos comeriam o mesmo que os seus captores, tal nunca foi respeitado. Não havia como, pois se nem para os próprios havia que chegasse, quanto mais partilharem as poucas rações que tinham com prisioneiros.

Do lado aliado, nomeadamente nos campos franceses (cerca de 153), as condições, não sendo as ideais, seriam bem menos difíceis, embora possamos, de certa forma, afirmar que as condições de detenção seriam muito similares. A grande diferença terá mesmo sido a questão da alimentação que, apesar de tudo, não atingiu a crise sofrida do lado das potênciais centrais.

---

[64] Prisioneiros de Guerra - *Site* **Momentos de História** [Em linha]. Consulta de 25-05-2020.

Do lado germânico, um pedaço de pão[65] tinha de alimentar 6 prisioneiros. Eram tidos como sortudos os que trabalhavam nas cozinhas, e a disputa por esses lugares ou por um simples pedaço de comida levou a fratricidas disputadas[66]. A fome foi sempre, de longe, a coisa mais dura que os cativos sofreram nos campos. Nem mesmo os que eram enviados para trabalhos no exterior se podiam sentir mais sortudos. Recebendo uma míngua ração para 24 ou 48 horas, muitos enfrentavam o dilema de saber se comiam logo tudo (para, passado umas horas, ficarem novamente esfomeados) ou iam comendo aos poucos (mas sentindo continuamente fome); somando a isso dureza do trabalho, por vezes sob difíceis condições climáticas.

Apesar de os serviços postais funcionarem relativamente bem e de os prisioneiros poderem enviar cartas e postais aos familiares,

---

[65] Existiam vários tipos de pão, entre os quais o famoso "pão KK" (de "**K**rieg" - guerra, e de "**K**artofel" - batata) e o "pão negro" (de farinhas escuras, pouco nutritivas), correntemente dado aos prisioneiros. Durante a guerra, várias experiências foram levadas a cabo, de modo a obter pão com produtos/farinhas alternativas (bolota, madeira....).

[66] O roubo de comida da cozinha ou dos armazéns era uma das poucas oportunidades para conseguir um pouco mais, mas a punição, dependendo do campo, poderia ser violenta.

existia censura, a qual cortava qualquer menção à fome ou as quaisquer maus tratos.
Com efeito, tal poderia significar castigo - e esse castigo era quase sempre a privação da ração - muitos soldados abstinham-se de queixas na sua correspondência.
Normalmente esta situação findava ou melhorava, assim que as encomendas da Cruz Vermelha Internacional começavam a chegar com regularidade.
Infelizmente, para os que não estavam registados[67] a fome apenas acabaria com o Armistício.

Foram precisamente os "colis" (encomendas) que, em muitos casos, salvaram da morte milhares de prisioneiros, fazendo-lhes chegar comida, agasalhos, tabaco e outros bens de primeira necessidade. As nações em conflito, impossibilitadas, tantas vezes, de cuidar dos seus prisioneiros, acolheram de braços abertos as inicitivas caritativas e de apoio, sobretudo

[67] Muitos prisioneiros, por não terem sido registados, foram inclusive dados como mortos no seu país, e só com o seu regresso se verificou não corresponder à realidade. Apesar de a Cruz Vermelha, que visitava os campos, procurar fazer tal registo, essa informação levava semanas ou meses a ser processada (altura em que o prisioneiro até poderia já ter sido transferido para outro campo, perdendo-lhe novamente o rasto).

da Cruz Vermelha - a qual granjeia, nessa altura, um enorme prestígio.

Paradoxalmente, a regularidade dessas encomendas era por vezes tal que, como sucedeu com os cativos ingleses, os prisioneiros deixaram de comer as rações fornecidas pelos guardas alemães e até forneciam outros prisioneiros de outras nacionalidades (como aos russos que, em troca, se ofereciam para substituir os seus colegas nos trabalhos, a troco da comida que recebiam). Em certos campos os próprios guardas passaram a trocar vegetais frescos e outros víveres por tabaco, chocolate, sabão ou café que os prisioneiros recebiam nessas encomendas.

Mas nem todas as encomendas chegavam ao destino. Das que se perdiam pelo caminho, até às que os guardas retinham (por roubo ou como castigo aplicado a prisioneiros), muitas foram também aquelas cujo destinatário não estava para as receber.

Com efeito, muitos prisioneiros não estavam registados e, apesar dos esforços da Cuz Vermelha em os identificar - e enviar essa informação para os respectivos países, os processamento dessa informação era moroso.

Em resultado disso, quando alguma encomenda era finalmente enviada aos soldados detectados, estes tinham muitas vezes sido transferidos para outro campo ou até morrido. Sobre isso, e a título de exemplo, após o Armistício, foram descobertas, no campo de Soltau, cerca de 200 mil encomendas por entregar[68].

Bilhete postal ilustrando as encomendas destinadas a prisioneiros alemães, aguardando no cais de Belle-Isle-en-Mer (ano *n/i*).
(Fonte: **Mission Centenaire 14-18, Les Archives départementales du Morbihan**)

[68] EMDEN, Richard Van- **Prisioners of the Kaiser, The Last POWs of the Great War, South Yorkshire**, 1.ª ed., Pen &Sword Books Limited, 2009.

# A Vida nos Campos de Prisioneiros.

Os campos de prisioneiros eram basicamente equipados com barracas de 10m por 50m, onde se juntavam cerca de 250 prisioneiros, embora cada campo tivesse as suas especificidades[69].

> "*Procura-se estar ocupado: desenvolver uma actividade intelectual, manual, artística, lúdica no seio do grupo; uma sociabilidade no interior da clausura. Vive-se a ilusão ne não desperdiçar o tempo. Actividades culturais, manuais, desportivas, aulas de todo o tipo, festas, peças de teatro, plantação de flores e legumes, conferências, encontros desportivos e literários, bibliotecas, concursos de charadas, macramé, jogos de sociedade, música, jornais de campo.*
> *Na maior parte dos campos civis, pelo mundo, a relativa liberdade dada pelos captores e a criatividade dos detidos é grande. Os presos do campo australiano de Holworthy produzem 155 peças de tratro em cinco anos, formam uma orquestra de metais, um coro e não perdem o humor: o mais apreciado dos objectivos produzidos é um cinzeiro pintado de branco, vermelho e negro, representando uma caricatura do Primeiro Ministro Hughes; têm especial gosto em depositar as cinzas na sua "cabeça vazia".*"[70]

---

[69] Nem todos viveram em campos (nomeadamente os oficiais), pois serviam igualmente de locais de detenção alguns castelos ou edifícios adaptados a prisões.

[70] WINTER, Jay - **First World War Vol. 3**. Fayard, (Part III), 2014.

Organizam-se cursos de alfabetização, ciclos de conferências, ateliers, pequenas oficinas, dado que não podemos esquecer que todos estes soldados tinham profissões, pelo que aqui se irão cruzar todo o tipo de artesãos e ofícios, sendo que também carpinteiros e luthiers que se dedicarão a construir instrumentos musicais que, embora rudimentares (pela falta de matérias primas), formarão a base de muitos grupos e pequenas orquestras de plectro, nomeadamente *estudiantinas*.

No que respeita à manufactura dos instrumentos, e também fruto da mescla de culturas, surge um "academismo instrumental" o qual se caracteriza pela construção de instrumentos de forma rectangular (movimento muito expressivo no campo de Konigsbruck), como violoncelos, guitarras, violinos.... numa jocosa expressividade face ao mundo que, para os prisioneiros, já não é redondo, mas toma as formas rectas e rectangulares[71] dos materiais disponíveis (caixas, latas,...), e similares, numa estranha ironia às formas dos seus barracões, à geometria dos seus catres e do próprio campo,

[71] Também as formas triangulares estão presentes, já que são muitas vezes os materiais encontrados que definem o formato.

onde o instrumento testemunha, pelas suas formas, a sua história e a dos homens que o construíram, tocaram e ouviram... em cativeiro.

Claro que, para os comandantes desses campos, há todo o interesse em que esses campos funcionem bem, quer porque mantém o moral, quer porque é também uma forma de venderem a imagem de captores generosos e civilizados, recordando que existia uma ampla propaganda para demonstrar as boas condições de cativeiro que proporcionavam.
Com efeito, existe uma ampla gama de bilhetes e fotos postais que ilustram campos de prisioneiros e os próprios prisioneiros. Muitas dessas imagens apresentam os soldados em cenários ideiais, fazendo teatro, divertindo-se em concertos, posando alegremente, a jogar ou confraternizar, como se estivessem felizes e fossem exemplarmente bem tratados.

O campo "Stalag VIII C" será, por exemplo, utilizado como campo modelo para propaganda alemã, sendo rodadas imagens do campo aquando de actividades desportivas ou

teatrais que servirão de base a um filme propagandístico denominado "Prisioneiros"[72]. Nem tudo seria exactamente assim, nem tudo seria constante alegria e lúdica vida airosa que muitas imagens procuravam ilustrar, mas é certo que a vida nesses campos passava muito por essas actividades de ocupação do tempo.

Existe igualmente uma profusa actividade jornalística, com diversos jornais editados nesses campos, mas sempre sob uma forte censura dos captores. Ainda assim, ajudam a vislumbrar o quotidiano dos cativos, sobretudo as actividades a que se entregavam[73].

O reverso da medalha é que as condições de salubridade, a alimentação, a saúde... nem sempre eram as melhores, notando-se uma clara clivagem entre campos para oficiais e os reservados aos soldados rasos.

---

[72] Vd. ALLEMAN, Marie - *L'Expression artistique dans les camps de prisonniers de guerre (1).* Archives Agence (blogs.irc.org). Artigo de 26-03-2018 [Em Linha]. Consulta de 12-06-2020. Referente ao filme, há poucas cópias do mesmo (visonáveis localmente no CNC-AF em Bois d'Arcy ou na BNF).

[73] Vd. **BNF (Gallica)** - Journaux de Prisonniers [Em Linha]. Última consulta de 09-08-2020

Embora muitos desses campos recebessem a visita e ajuda das organizações humanitárias (e foram dezenas as que a sociedade civil criou para apoio aos soldados presos), não devemos esquecer que foram muitos os que não regressaram do cativeiro (sobretudo devido à fome e às doenças).

Também não é de olvidar que em muitos desses campos os serviços disponibilizados não são permanentes. Com efeito, no que concerne ao teatro, alguns campos suprimem essa actividade com receio que o uso de roupas civis possam ser ferramenta para disfarçar fugitivos.

Em alguns campos, existiam estúdios fotográficos rudimentares, como o que dispunha o campo de Holzminden[74], os quais produziam toda uma série de clichés sobre a vida do campo, e que eram utilizados como bilhetes postais para a correspondência dos prisioneiros.

É, aliás, muito significativa a produção, de bilhetes postais retratando prisioneiros de guerra, já que também é uma forma de

[74] Vd. *site* "L'Histoire pour l'image" [Em linha]. Consulta de 13.07-2020.

publicitar o "bom" tratamento dado por parte dos captores (mesmo que muitas sejam imagens encenadas que escondem as agruras e abusos sofridos em cativeiro).
A par desses (e falamos de exemplares retratando soldados em ambiente musical), muitos outros que cada lado do conflito promovia, no intuito de sossegar as populações e manter a moral.

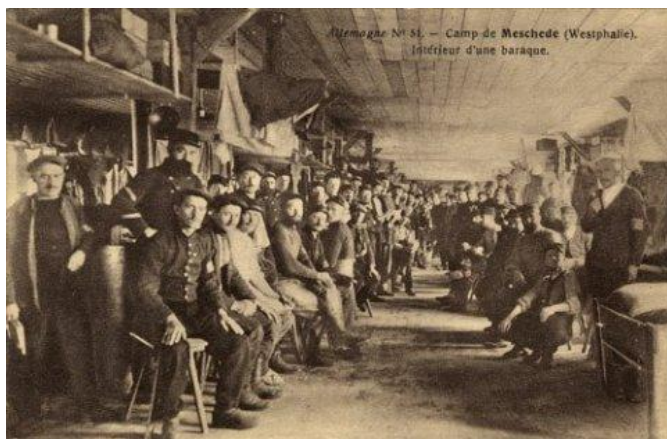
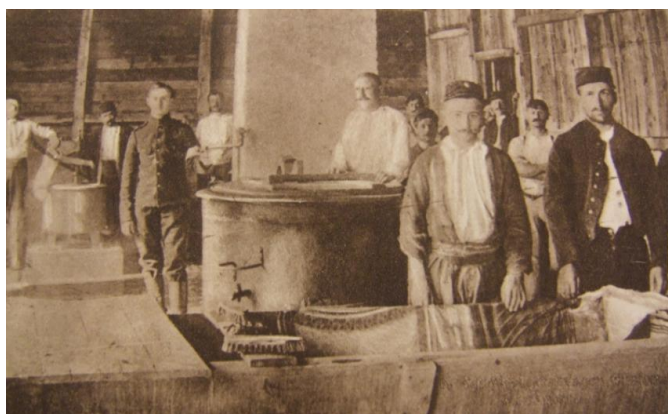
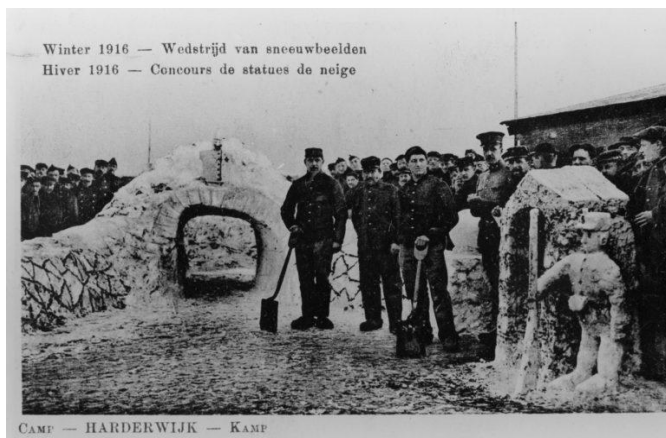
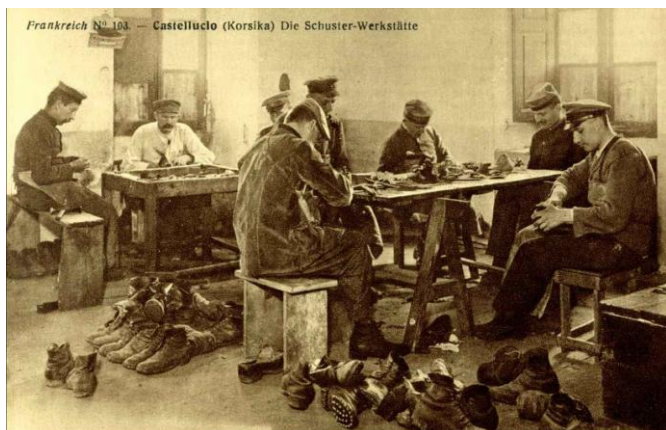
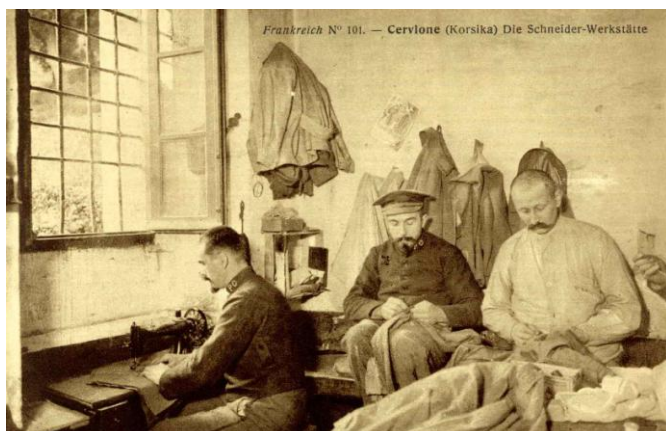
Existe também um grande número de bilhetes postais editado pelo CIRC (Cruz Vermelha) que ajudam não apenas a dar conta da vida nos campos, mas a angariar fundos para o apoio aos prisioneiros de guerra.

Interior de uma barraca, no Campo de Meschede (Vestefália - Alemanha). Ano *n/i*.
(Fonte: **Service historique de la défense**)

Imagem de prisioneiros Aliados, na hora da refeição (ano e local *n/i*).

Campo de prisioneiros (atelier) de Limburg (ano *n/i*).
(Fonte: ***site histoire des poilus 1914-1918***)

Oficiais alemães no pátio da caserna (que lhes serve de prisão) de Brueys-Uzès , em França, em 1915.
(Fonte: **Midi Libre** de 27-12-2015*, In blogue "bvemagenta20.blogspot"*)

Prisioneiros belgas, trabalhando na lavandaria do campo de Güstrow (Alemanha), 1916.
(Fonte: *AVB-ASB,* **L'Evènement Illustré***,* 1916)

Bilhete Postal alusivo a um concurso de bonecos de neve, organizado por soldados belgas, no campo de Harderwijk (Holanda), em 1916.
(Fonte: **Europeana**)

Equipa e futebol composta de prisioneiros do campo de Sennelager (Alemanha), em 1916.
(Fonte: *AVB-ASB,* **L'Evènement Illustré**, 1916)

Oficina de sapateiros do campo de prisioneiros alemães de Castelluccio, na Córsega (França). Ano *n/i*.
(Fonte: **CICV, França, n ° 103**)

Sala de costura do campo de prisioneiros alemães de Cervione, na Córsega (França). Ano *n/i*.
(Fonte: **CICV, França, n. ° 101**)

Representação realizada no campo de Cassel (Alemanha) em 1918 .

(Fonte: **bonus.loucrup65.fr**)

Campo de prisioneiros alemães em Belles-Isle-En-Mer (França), *ca*. 1918.

(Fonte: **Mission Centenaire 14-18, Les Archives départementales du Morbihan**)

# Prisioneiros Portugueses.

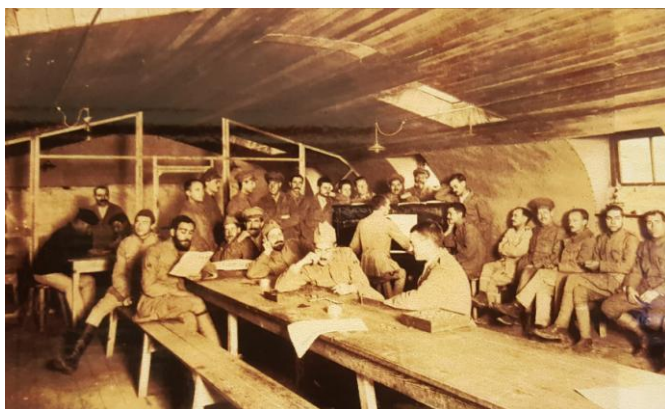
Sabemos que, durante o período em que os portugueses estiveram em França (1917-1918), o CEP contou com 6.678 prisioneiros, quase todos aprisionados nos dias 9 e 10 de Abril de 1918, em resultado da Batalha de La Lys[75].

Os oficiais portugueses ficaram aprisionados no Campo de Breesen (onde deram entrada em Julho), bem como nos campos de Fürstenberg e Fuchsberg-bei-Uchte. Já os praças ficaram detidos nos campos de Friedrichsfeld, Karlsrue, Münster (dividido em 4 campos), Stalluponen, Lazarett III, Parchim, Güstrow e Schneidemühl

O regresso das tropas portuguesas foi um processo que levou vários meses (alguns só 2 anos depois chegaram à sua terra), face às dificuldades logísticas encontradas.
Em Dezembro de 1918, quase todos os prisioneiros portugueses estavam libertados e a caminho da França, Bélgica ou Holanda, para serem embarcados de volta a Portugal (sendo que os primeiros contigentes repatriados partiram de Cherbourg e Brest).

---

75 Vd. *momentosdehistoria.com* [Em linha]. Última consulta de 27-08-2020.

Oficiais portugueses prisioneiros em 1918.
(**Ilustração Portugueza**, N.º 669, de 16 de Dezembro de 1918, p. 494.)

Soldados portugueses entretidos a ler ou a cantar ao som de piano.
(VIEIRA, Joaquim - **Portugal Século XX, Crónica em imagens 1910-1920.** Círculo de Leitores, 1999, pp.192-93.)

O estado dos prisioneiros portugueses era alvo de grande atenção, com reportagens e fotos publicadas sobretudo na revista *Ilustração Portuguesa*[76], de que apresentamos alguns exemplos.

## Os nossos prisioneiros

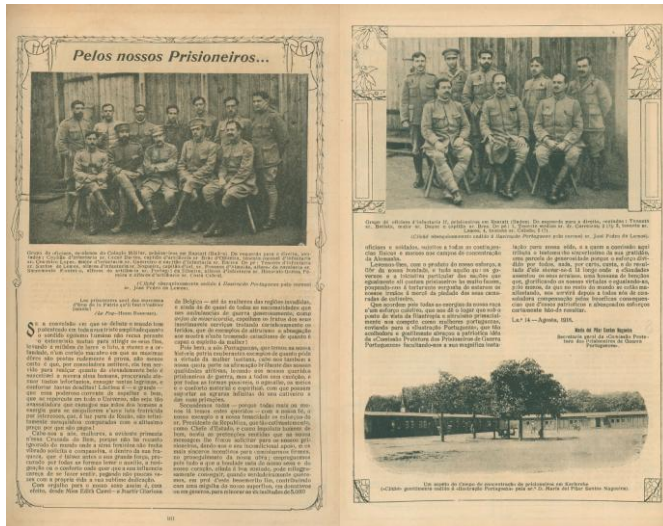
Felizmente que as noticias vindas dos nossos desventurados soldados e oficiaes em cativeiro na Alemanha são mais assiduas e animadoras. A regularidade da troca de correspondencia e da entrega de encomendas, que se vae conseguindo com a benefica interferencia de muitas coletividades altruistamente empenhadas em facilitar a situação dos nossos prisioneiros, minora um pouco o seu infortunio e a anciedade de suas familias. Pelas cartas de muitos d'eles, deveras comovedoras, cheias de angustia e ao mesmo tempo frementes de amor, se adivinha o que lhes vae na alma, entregues aos seus proprios pensamentos, longe da patria e dos que lhes são caros, que recordam com profunda saudade. Serve-lhes de unico lenitivo as palavras carinhosas e os mimos que lhes enviam suas mães, esposas, noivas e irmãs, valendo aos que não teem parentes ou d'eles não conseguem noticias as madrinhas de guerra e outras almas femininas suas patricias que, vibrando ante tal desdita, ajudam-os com os inexgotaveis segredos de bondade a passar as inesqueciveis horas que agora vivem.

1. e 2. Prisioneiros portuguezes n'um campo de concentração á retaguarda das linhas do inimigo

114

(**Ilustração Portugueza**, N.º 650, de 05 de Agosto de 1918, p. 114)

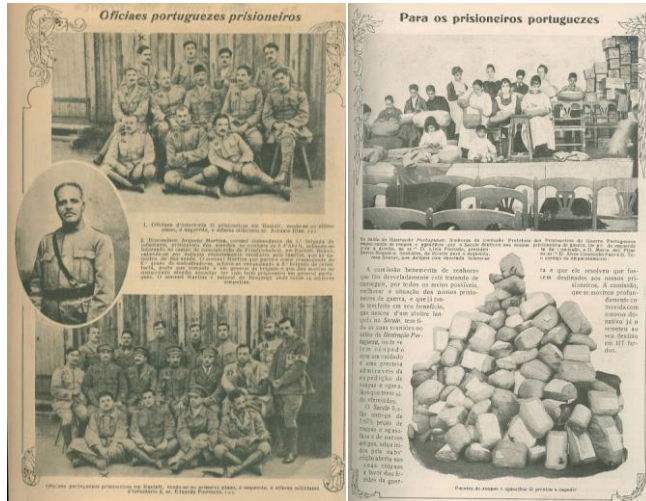
76 Exemplares disponíveis para consulta online na Hemeroteca Digital de Lisboa.

Pelos nossos Prisioneiros...

(**Ilustração Portugueza**, N.º 653, de 26 de Agosto de 1918, pp. 161-162)

Prisioneiros portuguezes

(**Ilustração Portugueza**, N.º 657, de 23 de Setembro de 1918, pp. 243-244.)

Oficiaes portuguezes prisioneiros

Para os prisioneiros portuguezes

(**Ilustração Portugueza**, N.º 654, de 02 de Setembro de 1918, p. 183 e N.º 659, de 07 de Outubro de 1918, p. 295 - onde se dá conta das encomendas destinadas aos prisioneiros portugueses.)

Os que se esperam

Os nossos prisioneiros

(**Ilustração Portugueza**, N.º 668, de 09 de Dezembro de 1918, p. 466. e N.º 669, de 16 de Dezembro de 1918, p. 494)

## Tunas/*Estudiantinas* nos Campos.

Se já dissemos que, nas linhas recuadas, esses grupos estavam sobretudo ao serviço do canto, também nos campos de prisioneiros assim é, embora com algumas sensíveis diferenças.
Nos campos, o contingente é estável, ou seja os componentes não são sazonais, pois não transitam ao sabor de missões na frente e licenças na rectaguarda.

Por outro lado, salvo as mortes por doença/fome, os grupos não estão tão "dependentes" da mortandade nas trincheiras, algo que permite que as *Estudiantinas*/Tunas formadas nos campos sejam compostas por membros mais permanentes e com mais tempo para se organizarem e ensaiarem.

Se esses grupos continuam a ser principal suporte do canto (embora este seja mais restrito nas temáticas - especialmente as revanchistas e patrióticas - porque duramente reprimidas), também possuem maior capacidade de trabalhar outros repertórios (nomeadamente instrumentais).

Uma outra diferença é que, dado que toda a vida se reduziu ao espaço do campo, o

número de concertos aumenta substancialmente (e é fortemente incentivado pelos captores - os quais preferem os prisioneiros entregues a actividades lúdicas e úteis do que em actividades subversivas).
Essa agenda, mais preenchida, acaba por propiciar espaço para uma maior exigência e qualidade, muitas vezes impulsionada pela diversidade de nacionalidades (já que o campo de recrutamento artístico é maior).
Ainda assim, é tudo feito dentro de um grande informalismo e os grupos são permeáveis em termos instrumentais[77].

Também encontramos as *Estudiantinas*/Tunas a dar apoio musical às encenações e demais espectáculos organizados, variando o número de componentes em função, sempre, da disponibilidade de instrumentos (obtidos, trazidos ou construídos localmente) e executantes disponíveis.

Do repertório executado pouco se sabe. Embora muitos clichés mostrem grupos tocando com partitura, é natural que muito pouco tenha sobrevivido desses programas, mas é plausível que reproduzissem a música

---

[77] Algo que bem conhecemos em Portugal nas tunas rurais. Vd. ***Qvid Tvnae*** (2011), pp. 252-254.

em voga na época nesse tipo de orquestra, a par com as canções popularizadas nessa altura.
Música popular, música ligeira, composições inéditas, cantigas diversas e algumas peças de música clássica/erudita fariam parte da lista, conforme a ocasião e disponibilidade dos meios materiais e humanos (uma vez mais).

Os primeiros documentos iconográficos, que a seguir apresentamos respeitam à *Estudiantina* que existia no campo de prisioneiros de Estugarda.

A foto acima ilustra o grupo em causa, seguindo-se 2 postais onde o remetente a identifica objectivamente num deles.

Do postal, redigido em 22 de Abril de 1916, consta a referência manuscrita "A Estudantina antes da minha chegada", ou seja uma foto tirada ao grupo antes do soldado chegar ao campo.

O segundo postal, já com data de 24 de Junho de 1916, apresenta uma foto dessa mesma *estudiantina*, composta essencialmente de bandolins e uma guitarra, tirada ao ar livre.

Nos demais documentos que se seguem, apresentamos diversos grupos pertencentes à tipologia Tuna/*Estudiantina* existentes em diversos campos de prisioneiros.

Grupo de prisioneiros russos, ostentando balalaicas e violinos (ano e local *n/i*).

(Bilhete postal)

Grupo de prisioneiros que protagonizaram um sarau no teatro do campo de prisioneiros de Königsbrück (Alemanha). Ano *n/i*.

(Bilhete postal)

*Estudiantina* de prisioneiros franceses (ano e local *n/i*).
(Bilhete postal)

*Estudiantina* de prisioneiros franceses do campo de Ingolstadt un Unterfranke (Alemanha). Ano *n/i*.
(Fonte: *Forum Pages 14-18*, **Les Combattants & l'histoire de la Grande Guerre**)

*Estudiantina* de prisioneiros franceses do campo de Nuremberga (Alemanha), 1916

Prisioneiros franceses do campo de Stuttgart (Alemanha), em 1915.
(Fonte: **Les Prisonniers de Guerre en Herman Montanus**, Editeur Siegen, Leipzig, Berlin, 1915, p.78.)

Prisioneiros franceses do campo de Hamelburg (Alemanha), 1915.

Prisioneiros franceses do campo de Regensburg (Ratisbonne - Baviera), 1917.

Prisioneiros russos do campo de Sprottau (Alemanha). Ano *n/i*.

(Bilhete postal)

Prisioneiros russos do campo de Frankfurt (Alemanha), *ca.* 1917.

Prisioneiros russos do campo de Erfur (Alemanha).
Ano *n/i*.

Prisioneiros do campo de Stendal (Alemanha). Ano *n/i*.

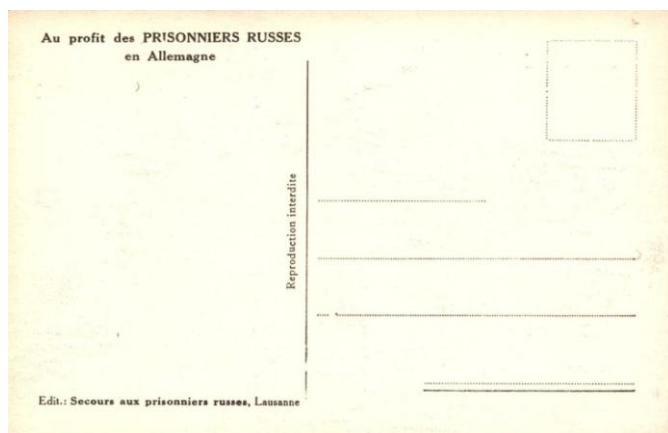
Prisioneiros britânicos, músicos da Orquestra *Freigefangenenburger* de Frankfurt-am-Main (Alemanha).

(Fonte: **The British Prisoner-of-War**, N.º 9, de Setembro de 1918, p.104.)

Soldados prisioneiros num campo alemão. Ano *n/i*.

Prisioneiros de guerra em *estudiantina* carnavalesca (ano e local *n/i*).
(Fonte: **Arquivos de música Donovan Davis**.)

Prioneiros do campo de Amberg-Kümmersbruck (Alemanha). Ano *n/i*.
(Fonte: Coleção Staudinger)

Orquestra de balalaicas formada por prisioneiros russos do campo de Stadtarchiv - Franfurt (Alemanha). Ano *n/i*.

Verso de um postal emitido pela Cruz Vermelha (CIRC) onde se lê que compra do mesmo reverte a favor dos prisioneiros russos detidos na Alemanha.

Prisioneiros alemães formando uma pequena orquestra de cordofones (violinos, bandolins e guitarra). Ano e local *n/i*.

Soldados alemães prisioneiros no campo de L'Oued El-Hassar (Marrocos). Ano *n/i*.

Prisioneiros alemães no campo de *Le Palais* (Morbihan - França), dando um concerto.

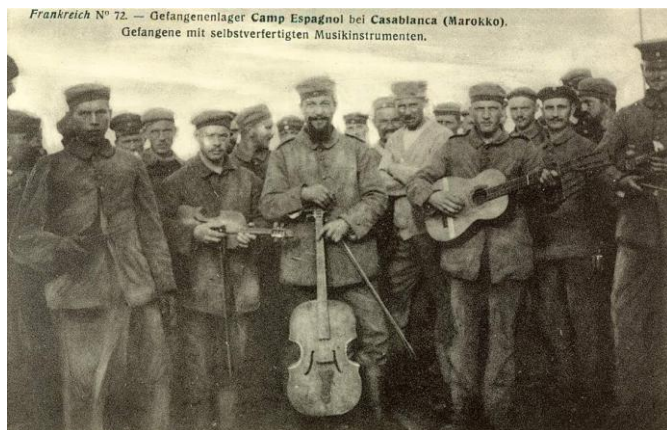
(Bilhete postal do CIRC)

Prisioneiros alemães hospitalizados em França (ano e local *n/i*).

(Fonte: **Mémoires de Locran** - Coleção de Claude Ribouillault)

Prisioneiros alemães no campo de *Romans-sur-Isère* (França), em 1915.

Oficiais austro-húngaros prisioneiros em França (ano e local *n/i*).

(Fonte: **Thierry COISNE** *in* CPA 14-18)

Soldados alemães no campo espanhol de Casablanca (Marrocos). Ano *n/i*.

(Bilhete postal do CIRC)

Prisioneiros franceses no campo de Zwickau (Alemanha). Ano *n/i*.

# Conclusão.

Se era sabido que a Grande Guerra não tinha impedido (embora tenha afectado) a actividade das tunas/estudiantinas nas localidades mais afastadas dos combates, este estudo demonstra que o fenómeno "vestiu farda", a par com outras tipologias orquestrais.

A música mostrou ser, uma vez mais, uma arte essencial à própria sobrevivência mental e social dos povos, e mostrou-se determinante nos teatros de guerra, moralizando as tropas e trazendo um pouco de sanidade a um mundo caótico, lavrado por obuses e regado com o sangue de milhões.

Despida de títulos e carimbos formais, sem formalismo, nome pomposo ou rótulo oficial, a Tuna/*Estudiantina* esteve presente, sob os mais diversos rostos e variantes.

Veio na bagagem de tantos milhares de soldados que a reencenaram e reinterpretaram, mesclando experiências, tantas quantas as proveniências geográficas dos alistados.

Com este livro, o leitor pôde aperceber-se não apenas da diversidade instrumental e de grupos, mas, também, dar-se conta da forte penetração e globalização das orquestras de plectro, conhecidas sobretudo pela designação de "estudiantinas" (entre outras, como "Tuna" - no caso português).

Cumpriu-se o propósito de reunir documentos iconográficos dispersos que apresentavam este formato musical, de modo a comprovar a existência de tunas/*estudiantinas* no centro do conflito bélico e complementar os demais estudos já realizados.

Não foi possível, claro está, abarcar todos os países beligerantes (o que implicaria um processo titânico de consultas locais a acervos e hemerotecas, e um domínio de idiomas ao alcance de poucos).

Mas fica a firme certeza desta pequena obra contribuir para um conhecimento mais alargado do fenómeno e poder despertar, em outros investigadores, o desejo de aprofundar esta temática.

# Bibliografia.

**1917-1919: la fin des tsars, la victoire des alliés**. Editions Tallandier, 1988;

ASENCIO GONZÁLEZ, Rafael - **Las Estudiantinas del Antiguo Carnaval Alicantino - Origen, contenido lírico y actividad benéfica (1860-1936)**. Cátedra Arzobispo Loazes, Universidad de Alicante, 2013.

BECKER, Jean-Jacques, KRUMEICH, Gerd - **La Grande Guerre, Une histoire franco-allemande**. Tallandier, 2012;

BRANCO, Pedro Soares - **Exército Português, memória ilustrada**. Quimera, 2005;

BUCH, Esteban, DUROSOIR, G, CHIMENES, M. e AUDOIN-ROUZEAU, Stephane - **La Grande Guerre des Musiciens.** Edition Symetrie, 2009.

COELHO, Eduardo, SILVA, Jean-Pierre, TAVARES, Ricardo, SOUSA, João Paulo - **QVID TUNAE? A Tuna Estudantil em Portugal**. CoSaGaPe, 2011-12;

EMDEN, Richard Van- **Prisioners of the Kaiser, The Last POWs of the Great War, South Yorkshire**. 1ª ed., Pen &Sword Books Limited, 2009;

GERBOD, Paul - **L'institution orphéonique en France du XIX^e au XX^e siècle**. Presses Universitaires de France, 1980.

HUYBRECHTS, Dominique - **1914-1918, Musiciens des tranchées. Compositeurs et instrumentistes face à la Grande Guerre**. Éditions Racine, 2014;

JEAGER, Gérard A. - **Les poilus. Survivre à l'enfer des tranchées de 14-18**. Editions l'Archipel, 2014;

**La Grande Guerre: 1914-1916**. Editions Tallandier, 1988;

**La Guerre, Documents de la Section Photographique de l'Armée. Fascicule II - Abris et Tranchées, 1914-1918**. Librairie Armand Colin;

FRAZÃO, Patrícia, DOMINGUES, Sandra, ROCHA, Jorge, BERGER, José Paulo - **O Correio entre fonteiras e trincheiras**. Edição de autor, FPC, CEG/IGOT/UL, CECIGG, GEAEM/DIE, FCT, 2015;

MARQUES, Isabel Pestana - **Das trincheiras, com saudade, A Vida quotidiana dos militares portugueses na primeira Guerra Mundial**. A Esfera dos Livros, 2008;

National Geographic, Edição Especial, n.º 6 - **As Guerras Mundiais, 1900-1945: as raízes do mundo actual**. RBA, 2016, pp. 13-66;

OLIVEIRA, Maria José - **Prisioneiros Portugueses da Primeira Guerra Mundial, Frente europeia 1917/1918**. Edição *Saída de Emergência*, 2017;

RIBOUILLAULT, Claude - **La Musique au Fusil**. Edition du Rouergue, 1996.

SILVA, Jean-Pierre - **A França das Estudiantinas - Francofonia de um fenómeno nos séc. XIX e XX**. CoSaGaPe, Lisboa, 2019;

STEVENSOM, John - **O Século do Povo, os testemunhos directos dos seus protagonistas 1914-1918; Primeira Guerra Mundial Vol. 4**. Ediclube Coleccionáveis, 1997;

STEVENSOM, John - **O Século do Povo, os testemunhos directos dos seus protagonistas 1914-1918; Primeira Guerra Mundial Vol. 5 e 6**. Ediclube Coleccionáveis, 1998;

VIEIRA, Joaquim - **Portugal Século XX, Crónica em imagens 1910-1920**. Círculo de Leitores, 1999;

WINTER, Jay - **First World War Vol. 3**. Fayard, (Part III), 2014;

## Outras fontes consultadas.

- Archives Nationales (França);
- Arquivo da RTP;
- Associazione Nazionale Mutilati e Invalidi di Guerra, sezione di Parma;
- BNF / Gallica - Bibliothèque Nationale de France;
- BNP - Biblioteca Nacional de Portugal;
- Centre de Recherches de L'Historial de la Grande Guerre
- Europeana
- Hemeroteca Digital de Lisboa;
- Les Archives Historiques du CIRC;
- Musée de la Grande Guerre de Meaux
- Musée de la Musique/Cité de la Musique de la Philharmonie de Paris;
- Museu do Combatente - Lisboa
- Réseau Canopé (França);

## Siglas e abreviaturas.

***ca.*** **-** *circa* (cerca de);
**CEP** - Corpo Expedicionário Português;
**CIRC** - Comité International da Cruz Vermelha;
**CNCR** - Comités Nacionais da Cruz Vermelha;
***n/i*** - Não identificado;
**Vd.** - *Vide* (ver).